

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



ESTILOS PARENTAIS E COPARENTALIDADE:
Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses

Ana Sofia e Castro de Menezes Esteves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



ESTILOS PARENTAIS E COPARENTALIDADE:
Um Estudo Exploratório com Casais Portugueses

Ana Sofia e Castro de Menezes Esteves

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica

2010

Resumo

A presente investigação pretende analisar a influência das variáveis sexo e religiosidade, relacionadas com os progenitores, nos estilos parentais e na coparentalidade, assim como a correlação entre estas duas variáveis da parentalidade. Assim, foram aplicados dois instrumentos o *Parenting Styles Dimension Questionnaire* – PSDQ (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) e o *Coparenting Questionnaire* (Margolin, Gordis & John, 2001) a uma amostra de 170 casais portugueses (casados ou a viver em união de facto) com filhos. Os resultados demonstram que a variável sexo tem influência nos estilos parentais e na coparentalidade, enquanto que a religiosidade apenas teve influência nos estilos parentais. Verificou-se, também, que as variáveis da parentalidade deste estudo se correlacionam positivamente.

Palavras-chave: Parentalidade, Estilos Parentais, Coparentalidade, Sexo, Religiosidade.

Abstract

This investigation intends to analyse the influence the variables gender and religiosity, related to the parents, have in parenting styles and coparenting, as well as the correlation between these two parenting variables. Therefore, the *Parenting Styles Dimension Questionnaire* – PSDQ (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) and the *Coparenting Questionnaire* (Margolin, Gordis & John, 2001) were applied to a sample of 170 portuguese couples (married or living in a civil union) with children. The results show that the variable gender has influence in parenting styles and coparenting, while religiosity only affected the parenting styles. It was also verified that the parenting variables from this study are positively correlated.

Keywords: Parenting, Parenting Styles, Coparenting, Gender, Religiosity.

Agradecimentos

À minha orientadora de dissertação, a Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, pela confiança, incentivo e apoio, sem os quais este trabalho jamais teria sido possível.

Aos meus pais por me apoiarem, incondicionalmente, em todos os momentos da minha vida.

Aos meus irmãos, pelo carinho e pelo exemplo de dedicação e trabalho.

À Joana Almeida, pela amizade, pela confiança e pelo incentivo inestimável que me deu na altura certa.

Aos meus queridos amigos, Inês Gonçalves, Sofia Mendes e Bruno Paixão pela amizade, força e carinho que me dão e que as palavras não chegam para agradecer.

À Dr.^a Marta Pedro, pela partilha de amostra e bibliografia e pela disponibilidade para esclarecimentos e troca de ideias sobre o tema desta tese.

À Professora Doutora Ana Sousa Ferreira, pela disponibilidade e pelos esclarecimentos relativos à análise estatística.

Aos pais e mães que colaboraram com este estudo, respondendo aos questionários e partilhando connosco as suas vivências da parentalidade.

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento Conceptual.....	3
1.1. Estilos Parentais.....	3
1.2. Coparentalidade.....	9
1.3. Variáveis Socio-demográficas.....	13
1.3.1. Sexo.....	13
1.3.2. Religiosidade.....	14
II. Processo Metodológico.....	16
2.1. Questão Inicial.....	16
2.2. Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação.....	16
2.3. Objectivos Gerais e Específicos.....	17
2.4. Questões de Investigação.....	17
2.5. Estratégia Metodológica.....	19
2.5.1. Selecção e Caracterização da Amostra.....	19
2.5.2. Instrumentos utilizados.....	22
2.5.2.1. Questionários de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP).....	23
2.5.2.2. Questionário da Coparentalidade (QC).....	24
2.5.3. Procedimentos de Recolha e Tratamento dos Dados.....	25
III. Descrição e Análise dos Resultados.....	27
IV. Discussão.....	36
Conclusão.....	40
Bibliografia.....	42
Apêndices	
Anexos	

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo Integrativo de Estilos Parentais de Darling & Steinberg (1993).....	8
Figura 2: Modelo Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003).....	12
Figura 3: Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação.....	16

Índice de Quadros

Quadro 1: Caracterização da amostra em estudo.....	19
Quadro 2: Análise Descritiva dos Estilos Parentais Próprios de Mães e Pais.....	27
Quadro 3: Análise Descritiva dos Estilos Parentais do Outro de Mães e Pais.....	28
Quadro 4: Análise Descritiva do Estilo Parental Permissivo das Mães para filhos e filhas...	30
Quadro 5: Análise descritiva das variáveis Coparentalidade Mãe e Coparentalidade Pai.....	31
Quadro 6: Correlações obtidas entre a Coparentalidade Pai e o Estilo Parental Próprio da Mãe.....	32
Quadro 7: Correlações obtidas entre a Coparentalidade Pai e o Estilo Parental Próprio da Mãe.....	33
Quadro 8: Análise Descritiva do Estilo Permissivo Próprio de acordo com “ser praticante” ou não.....	35

Introdução

A família, os elementos que a constituem e as suas interações, têm sido alvo de estudo e de interesse de todos os que procuram compreender melhor o seu funcionamento e as suas dinâmicas internas e influências externas que sofrem ao longo do seu ciclo de vida.

Os autores e correntes que se dedicam à realização destes estudos, nomeadamente, os de influência sistémica, conceptualizam a família como “um sistema, um todo, uma globalidade que só nessa perspectiva holística pode ser correctamente compreendida” (Relvas, 1996, p. 10).

De acordo com Alarcão (2006) a família constitui o meio ideal para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interacção, tais como, os contactos corporais, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais.

Enquanto sistema em evolução, a família sofre um processo de desenvolvimento estrutural e funcional, que se refere aos seus elementos individuais e à sua mudança enquanto grupo. De acordo com esta perspectiva desenvolvimentista, existe uma sequência previsível de etapas na evolução familiar, cada uma com tarefas próprias a serem cumpridas que se denomina de ciclo vital (Relvas, 1996).

Dentro da unidade que é a família podem ser distinguidos vários subsistemas, que são gerados por interações específicas que se prendem com os indivíduos que nelas estão implicados, os papéis que desempenham e os estatutos ocupados, com as finalidades e objectivos comuns e, ainda, com as normas transaccionais que são progressivamente construídas (Relvas, 1996).

O subsistema parental, constituído habitualmente pelos pais, dentro das funções que lhe estão subjacentes vai permitir, pelas trocas e relações estabelecidas entre os pais e as crianças, que estas aprendam o sentido de autoridade e a forma de negociar e lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical (Alarcão, 2006).

A parentalidade pode ser definida como “conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2005, p.13).

Os pais são, assim, os adultos de referência na vida da criança, seus cuidadores primordiais, desempenhando um papel único em todos os quadrantes do seu desenvolvimento, físico e psicológico. No entanto, esta relação pais-filhos não é unidireccional, antes se caracteriza pela mútua e complexa influência intergeracional, com a criança a desempenhar um papel activo nesta díade e ocorrendo um ciclo de reciprocidades (Relvas & Alarcão, 2002). A forma como a parentalidade se exprime tende a sofrer uma evolução ao longo do tempo e de acordo com as finalidades da família, atendendo às necessidades de cada membro através de respostas diferenciadas (Alarcão, 2006; Relvas, 1996).

Pretendemos estudar as variáveis de parentalidade – estilos parentais e coparentalidade, a sua correlação e a influência de variáveis demográficas, como o sexo e a religião.

A apresentação do presente estudo está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento conceptual das dimensões em estudo. O segundo capítulo refere-se à metodologia seguida ao longo do estudo, com destaque para as questões de investigação, mapa conceptual e estratégia metodológica, com caracterização dos instrumentos utilizados e da amostra em estudo. O terceiro capítulo debruça-se sobre a apresentação dos resultados e respectiva discussão. Por fim, é feita uma conclusão onde se apontam as limitações do estudo, bem como potenciais implicações dos dados obtidos em investigações futuras.

I. Enquadramento Teórico

Ao longo do enquadramento teórico serão abordadas as duas dimensões da parentalidade relevantes para o presente estudo – os estilos parentais e a coparentalidade.

1.1. Estilos Parentais

Segundo Darling e Steinberg (1993), os estilos parentais constituem “um conjunto de atitudes para com a criança que lhe são comunicadas e que, no seu conjunto, criam um clima emocional no qual os comportamentos dos pais são expressos” (p. 488). Estes comportamentos incluem, tanto os específicos, orientados para objectivos, através dos quais os pais desempenham os deveres parentais – práticas parentais; como os comportamentos não orientados para um objectivo, como os gestos, mudanças no tom de voz ou ainda, as expressões espontâneas de emoções (Darling & Steinberg, 1993).

De modo a compreender a influência que os estilos parentais exercem no desenvolvimento da criança, importa ter em conta três aspectos principais – os objectivos principais relacionados com a socialização; as práticas parentais utilizadas para ajudar a criança a atingir esses objectivos; e o clima emocional no qual a socialização ocorre.

A avaliação dos estilos parentais permite perceber as práticas educativas que os pais exercem sobre os seus filhos.

Baumrind (1966, 1968), uma das autoras pioneiras no estudo dos estilos parentais, procurou avaliar o impacto das práticas parentais em diversas dimensões da vida dos indivíduos e contribuiu para a formulação da tipologia que considera a existência de três estilos parentais – o autoritário, o autoritativo e o permissivo.

Importa, no âmbito do presente estudo, descrever e analisar os diferentes estilos parentais propostos por Baumrind, de acordo com as práticas parentais associadas a cada um deles.

Os pais que apresentam um **estilo parental autoritário** procuram modelar, controlar e avaliar os comportamentos dos filhos de acordo com padrões de conduta rígidos, inflexíveis e absolutos. Algumas das características associadas a este estilo parental, são a valorização da autoridade e da ordem, recorrendo a atitudes punitivas para controlar o comportamento dos filhos, bem como, ter a sua obediência; a restrição da autonomia dos filhos, fomentando a importância de seguirem os valores e padrões da família; não encorajamento dos filhos a tomarem uma posição sobre um determinado assunto, nem a exprimirem-se, uma vez que, a opinião dos pais deve ser aceite incontestavelmente. A comunicação pais-filhos é pautada por uma baixa responsividade e rejeição, não havendo valorização do diálogo, devido ao elevado grau de exigência e controlo parental (Baumrind, 1966, 1968). São características típicas deste estilo parental as exigências excessivas, a supressão de conflitos, a recusa em ajudar, a monopolização do poder de decisão e a valorização excessiva das regras e das normas (Baumrind, 1966, 1968).

Os pais que apresentam um **estilo parental autoritativo** procuram estabelecer limites e regras de forma racional e orientada, exercem um controlo firme mas consistente e direccionado para padrões de funcionamento familiar que são saudáveis e equilibrados. São pais que privilegiam a autonomia dos seus filhos, de acordo com o seu nível de maturidade e responsabilidade, estabelecendo os limites para a gestão que estes podem fazer do seu espaço e das suas acções. Encorajam a troca de ideias e explicam as ordens que dão aos seus filhos e quando a criança se manifesta contrariamente, solicitam-lhe que explique os seus motivos (Baumrind, 1966, 1968).

O poder parental é utilizado para monitorizar as condutas dos filhos, de forma a corrigir as atitudes consideradas negativas e valorizar as positivas. A comunicação pais-filhos é clara e aberta, baseando-se no respeito mútuo e é encorajada a tomada de decisões, solicitando os pais a opinião dos filhos quando conveniente. Existe, assim, um ambiente familiar caloroso e estimulante, no qual os pais assumem uma postura de apoio face às necessidades dos filhos, com afecto (Baumrind, 1966, 1968).

Podem considerar-se como as principais características dos pais autoritativos a exigência e o fornecimento de autonomia em níveis intermédios; a estimulação da comunicação verbal; o uso do poder de forma equilibrada e não punitiva; a responsividade, sendo afectuosos, apoiantes e empenhados, proporcionando aos seus filhos um ambiente estimulador e desafiante (Baumrind, 1966, 1968).

Há estudos que salientam a influência positiva que o estilo parental autoritativo tem no desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, estando associado a melhores níveis de ajustamento psicológico e comportamental, de competência e responsabilidade social, assertividade, capacidade de adaptação, auto-estima e níveis mais baixos de ansiedade, depressão e problemas de comportamento (Baumrind, 1966; Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987). Por comparação com um estilo parental autoritário, onde há recurso a práticas punitivas como modelo de disciplina e que reafirma o poder dos pais sobre os seus filhos, um estilo parental autoritativo, onde o afecto e a compreensão estão associados a um controlo firme, proporciona equilíbrio familiar (Ceconello, Antoni & Koller, 2003).

Ainda que o estilo parental autoritativo seja considerado, por comparação com os outros, como o mais adaptativo, existem outros factores que podem determinar outro estilo como sendo mais adaptativo, nomeadamente, em diferentes contextos culturais. Estudos realizados por Dornbush et al. (1987) e Steinberg (1991) descobriram que a associação entre o estilo autoritativo e o desempenho académico é muito mais forte entre adolescentes americanos de origem europeia e hispânica, do que entre adolescentes americanos de origem asiática e africana (Darling & Steinberg, 1993).

Os pais que apresentam um **estilo parental permissivo**, são aqueles que fazem poucas exigências, evitam exercer controlo e não encorajam a obediência face a padrões externos, assumindo uma postura periférica. Há algumas características que de modo geral estão presentes nestes pais, nomeadamente, o facto de agirem de forma aceitante, afirmativa e não punitiva no que respeita a desejos e acções dos seus filhos; não se assumem com agentes activos na modificação do comportamento dos filhos ou como um modelo, mas antes como um recurso disponível para satisfazer os seus impulsos; fazem poucas exigências, proporcionando autonomia aos filhos para que tomem as suas próprias decisões; integram os filhos nas tomadas de decisão acerca da sua educação e dão explicações sobre as regras e normas estabelecidas no seio da família (Baumrind, 1966, 1968). Podem considerar-se como as principais características deste estilo parental a ausência de normas e regras; a elevada tolerância e aceitação dos impulsos das crianças; o fornecimento excessivo de ajuda e de padrões baixos irrealistas; a pouca estimulação da criança; os baixos níveis de exigência, a falta de autocontrolo e de autoconfiança podem levar os filhos a sentirem-se excessivamente dependentes e sobreprotegidos (Baumrind, 1966, 1968).

Os estilos parentais considerados têm por base duas dimensões relativas ao comportamento parental – uma relacionada ao controlo exercido pelos pais e outra relacionada com o afecto, aceitação e suporte (Barber, 2002; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Pereira, 2007).

A **dimensão controlo** terá implicações ao nível adaptativo, no sentido em que influenciará a capacidade da criança para viver em grupo e em sociedade. Sendo o controlo responsável pela promoção da conformidade e aceitação de regras e normas da sociedade, pode agir como inibidor – no controlo psicológico e como facilitador – no controlo do comportamento (Barber, 2002). O controlo do comportamento revela-se através de várias acções, nomeadamente, a comunicação de regras de conduta, acções que visam o cumprimento das regras, monitorização e supervisão (Barber, 2002; Steinberg, 2005). O controlo psicológico recorre a técnicas de manipulação das emoções, tratando-se de um controlo intrusivo e/ou coercivo que interfere no desenvolvimento psicológico e emocional da criança (Steinberg, 2005). Este tipo de controlo irá interferir no desenvolvimento da autonomia e do sentido de identidade e avaliação do próprio, tendo um efeito negativo na criança (Barber, 2002; Steinberg, 2005).

A **dimensão afecto-aceitação** diz respeito a um conjunto de características parentais que incluem o suporte, a disponibilidade afectiva, as expressões de afecto e o tom emocional positivo, a aceitação da criança, o envolvimento positivo, a sensibilidade para os estados psicológicos da criança e respostas adequadas às suas necessidades psicológicas (Rhoner, 2004).

Os estudos de Baumrind foram alvo de algumas críticas, nomeadamente, a homogeneidade da sua amostra, constituída por famílias brancas, de nível socioeconómico médio e de zonas urbanas (Baumrind, 1968; cit. por Pereira, 2007). Outra crítica apontada, refere-se ao facto de Baumrind se centrar demasiado na dimensão do controlo parental por oposição à dimensão afecto-aceitação (Pereira, 2007). Lewis (1981; cit. por Darling & Steinberg, 1993) chama a atenção para o facto de que qualquer tipologia parental (incluindo a da Baumrind) abrange uma configuração das práticas parentais, tornando difícil verificar que aspecto da parentalidade afecta que resultado do desenvolvimento das crianças; e sugere, ainda, que os resultados de Baumrind poderiam ser reinterpretados mostrando que as vantagens de que disfrutavam as

crianças criadas com um estilo autoritativo, com desenvolvimento do seu sentido de autonomia e independência enquanto obedecem às regras, podem ser atribuídas à abertura dos seus pais a uma comunicação bidireccional e não às características de controlo dessas famílias.

Maccoby e Martin (1983) reformularam o modelo de estilos parentais, procurando conciliar a abordagem de Baumrind com tentativas prévias de definir parentalidade, em função de duas dimensões do comportamento parental – responsividade (atitudes de apoio e compreensão por parte dos pais que favorecem a individualidade e a auto-afirmação dos filhos) e exigência (implementação de limites e regras que favoreçam a disciplina e o respeito), cuja combinação resultou em quatro padrões parentais. Os autores dividiram o estilo parental permissivo em dois, o indulgente e o negligente, com diferentes padrões de parentalidade (Darling & Steinberg, 1993).

Os pais com estilo parental indulgente são caracterizados como sendo afectuosos e calorosos, não estabelecendo regras nem limites e sendo excessivamente tolerantes face aos desejos dos filhos. Os pais com estilo parental negligente apresentam baixo nível de envolvimento no desempenho das tarefas parentais, dado que se encontram centrados nos seus próprios interesses (Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997).

Os pais com um estilo parental autoritativo têm pontuações elevadas nas dimensões responsividade e exigência, os pais com um estilo parental autoritário têm pontuações elevadas na dimensão exigência e baixas na dimensão responsividade, os pais com um estilo parental indulgente têm pontuações elevadas na dimensão responsividade e baixas na dimensão exigência e os pais com um estilo parental negligente têm pontuações baixas em ambas as dimensões (Maccoby & Martin, 1983). De acordo com a tipologia destes autores, tanto o estilo parental autoritativo como o estilo parental autoritário têm pontuações elevadas na dimensão exigência. Esta dimensão exigência difere da considerada por Baumrind, na medida em que, na abordagem configuracional da autora estão subjacentes aos estilos parentais dois tipos de exigência, o controlo firme (semelhante ao controlo comportamental) e a restrição (semelhante ao controlo psicológico). Os estilos parentais autoritativo e autoritário de Baumrind têm pontuações elevadas no controlo firme, mas apenas os pais com um

estilo parental autoritário exercem com frequência a restrição (Darling & Steinberg, 1993; Pereira, 2007).

Os estilos parentais, indulgente e negligente, não serão alvo do presente estudo, dado que o instrumento utilizado para avaliar os estilos parentais não os contempla na sua formulação.

O modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993) (fig.1), pressupõe que os objectivos de socialização dos pais exercem influência sobre os estilos parentais (1) e sobre as práticas parentais (2). As práticas parentais têm uma influência directa em aspectos específicos do desenvolvimento da criança (3), por outro lado, os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança primeiramente através da sua influência moderadora na relação entre as práticas parentais e os resultados do desenvolvimento (4) e através da sua influência na abertura da criança à socialização por parte dos pais (5). A abertura da criança à socialização é moderadora da influência das práticas parentais no seu desenvolvimento (6).

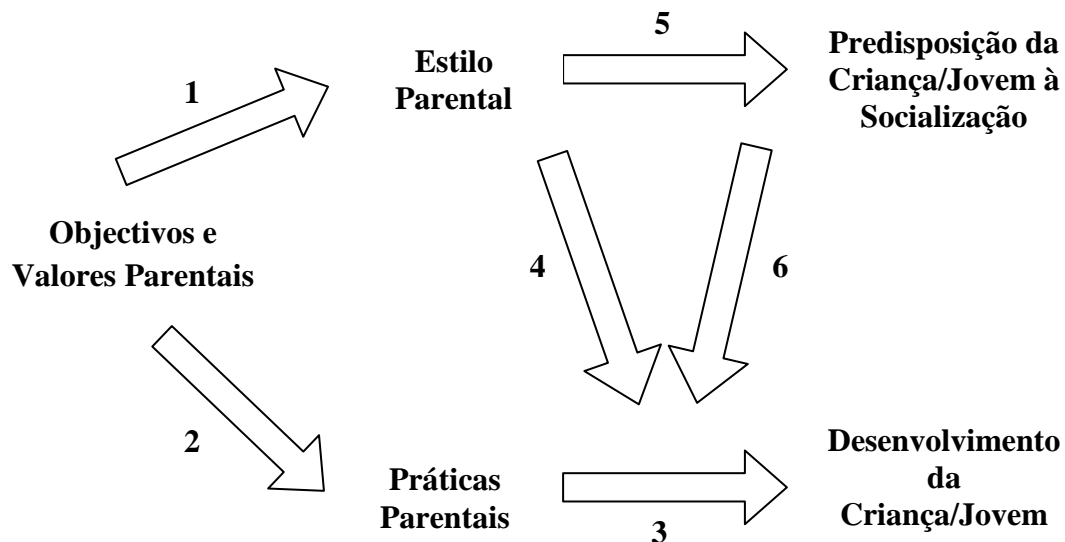


Figura 1: Modelo Integrativo de Estilos Parentais de Darling & Steinberg (1993)

No modelo considerado os autores propõem que tanto os estilos parentais como as práticas parentais resultam, em parte, dos objectivos e valores dos pais. Ainda assim, cada um destes atributos parentais influencia o desenvolvimento da criança através de processos diferentes. As práticas parentais têm um efeito directo no desenvolvimento de

comportamentos específicos das crianças (desde o comportamento à mesa ao desempenho académico) e nas características (como a aquisição de determinados valores ou auto-estima), acabando por ser os mecanismos através dos quais os pais ajudam, directamente, as crianças a obter os seus objectivos de socialização. Por outro lado, os processos primários através dos quais os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança são indirectos. O estilo parental altera a capacidade dos pais de socializar as suas crianças, mudando a eficácia das suas práticas parentais. Nesta perspectiva o estilo parental pode ser melhor entendido como uma variável contextual, moderadora da relação entre práticas parentais específicas e aspectos específicos do desenvolvimento (Darling & Steinberg, 1993). Os autores consideram que o estilo parental modera a influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança de, pelo menos, duas formas – transformando a natureza das interacções pais-filhos e influenciando a personalidade da criança, em particular a abertura da criança à influência parental. A abertura à socialização por parte da criança, por seu lado, modera a associação entre as práticas parentais e os resultados do seu desenvolvimento (Darling & Steinberg, 1993).

Simons e Conger (2007) procuraram explorar as diferenças nos estilos parentais e a forma como estes influenciavam os filhos adolescentes, no que concerne à delinquência, à depressão e às responsabilidades escolares, e constataram que ter os dois pais de estilo autoritativo levava a resultados mais positivos nos adolescentes. Verificaram, também, que ter pelo menos um pai autoritativo, em muitos casos, levava a que os filhos estivessem mais protegidos das consequências negativas associadas aos estilos parentais permissivo, autoritário e negligente.

1.2. Coparentalidade

Com o nascimento do primeiro filho a vida do casal sofre inúmeras transformações e a sua relação, até então pautada pela conjugalidade, entrará numa nova dimensão, a da parentalidade. Esta nova etapa implica reconceptualizações a nível biológico, social e afectivo (Oliveira, 2002). No entanto, há estudos que nos dizem que

a coparentalidade tem início ainda antes do nascimento do primeiro filho, dado que os pais desenvolvem representações mentais de si próprios enquanto pais e, muito possivelmente, como estando ambos numa relação coparental (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Esta nova etapa do ciclo vital da família vai implicar uma reorganização do subsistema parental a vários níveis, no que respeita aos respectivos papéis e responsabilidades parentais (Margolin, Gordis & John, 2001). A coparentalidade vai implicar a existência de um suporte e coordenação entre ambos os pais ou figuras parentais, no que concerne ao desempenho das funções e responsabilidades na educação da criança (Feinberg, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Van Egeren e Hawkins (2004) propõem que uma relação de coparentalidade existe, quando se espera que pelo menos dois indivíduos assumam responsabilidade conjunta, por mútuo acordo, pelo bem-estar de uma criança em particular. Esta definição de coparentalidade abarca os casais casados, os que vivem em união de facto, divorciados ou separados.

Investigações realizadas no âmbito da coparentalidade indicam que esta é um elemento determinante no desenvolvimento da criança e na qualidade da relação estabelecida entre esta e os seus pais. Uma relação de coparentalidade baseada em conflitos está fortemente associada a problemas comportamentais e emocionais em crianças e adolescentes (Feinberg, 2003; Margolin et al., 2001; McHale, Kuersten-Hogan, R. & Rao, 2004). O modo como os adultos se ajustam às suas novas funções e assumem as responsabilidades inerentes à educação da criança vai influenciar o desenvolvimento da mesma, a qualidade das relações inter-familiares e a sua adaptação ao meio envolvente. A coparentalidade relaciona-se com o ajustamento parental, com factores da parentalidade e com o ajustamento psicológico da criança, do que com outros aspectos da relação conjugal, uma vez que, os conflitos que surgem na coordenação das tarefas parentais não são sinónimo de crise conjugal (Belsky, Crnic & Gable, 1995; Gordon & Feldman, 2008; McHale, Kuersten-Hogan, Lauretti & Rasmussen, 2000). Segundo estudos realizados, a coparentalidade não parece ser necessariamente afectada por problemas conjugais e vice-versa, mas por outro lado têm maior influência as questões relativas à parentalidade (Belsky et al., 1995; Talbot & Mc Hale, 2004).

A coparentalidade pressupõe uma relação diádica entre os pais e uma relação triádica entre os pais e a criança. Esta relação diádica implica um processo bidireccional, uma vez que, ambos os parceiros afectam e são afectados pelos comportamentos e atitudes um do outro (Gordon & Feldman, 2008; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Feinberg (2003) propôs um modelo dos componentes da coparentalidade, que a influenciam e definem, tendo por base os componentes concordância ou discordância na educação dos filhos, divisão das tarefas e responsabilidades entre os progenitores, suporte mútuo no desempenho dos papéis coparentais, as aptidões familiares conjuntas, estando estes componentes moderadamente associados mas parcialmente distintos.

Este autor propôs um outro modelo – o Modelo Ecológico (fig.2), para compreensão dos factores que influenciam a coparentalidade, sejam individuais, familiares ou extra-familiare. As influências individuais remetem para as características individuais dos pais (atitudes, equilíbrio emocional e mental) que influenciam a coparentalidade e a relação entre os pais. As características individuais da criança também podem exercer influência na forma como os pais cooperam na sua educação e interferir no grau de satisfação e harmonia na relação coparental (Feinberg, 2003). No que diz respeito às influências familiares considera-se que um dos factores determinantes em relação à coparentalidade é a relação interparental, nomeadamente, no caso de existir uma relação de coparentalidade forte, são destacadas as competências dos progenitores de suporte e respeito mútuo, competências previamente existentes. A influência que se faz sentir é bidireccional, uma vez que, a coparentalidade é influenciada pela relação interparental e também influencia a relação entre os progenitores (Feinberg, 2003). Relativamente às influências extra-familiare, o suporte social constitui um factor protector que ajuda a lidar com as experiências de stress que surgem no subsistema coparental (Johnson & Sarason, 1978; cit. por Feinberg, 2003). Neste modelo os apoios sociais influenciam a coparentalidade de forma directa e indirecta, através da relação interparental e das características individuais dos pais (Feinberg, 2003). Os factores socioeconómicos são encarados como factores de risco para a coparentalidade (Lerman & Glanz, 1997; cit. por Feinberg, 2003).

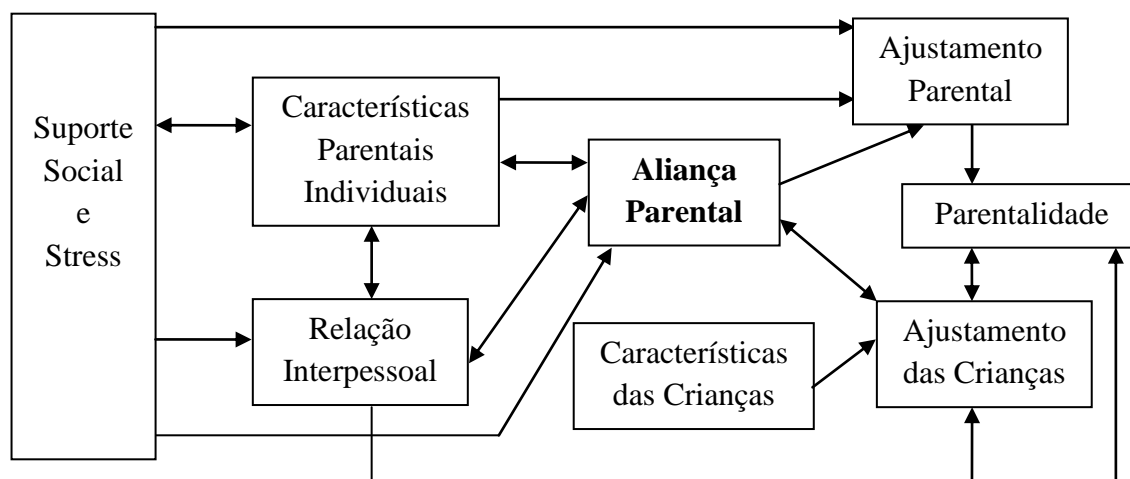


Figura 2: Modelo Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003)

O modo como a parentalidade é exercida nas famílias é explicado, em parte, pelos estilos parentais predominantes e pela qualidade da relação coparental (Roskam & Meunier, 2009).

A coparentalidade tem um papel determinante no desenvolvimento e ajustamento da criança (Konold & Abidin, 2001). Bearss e Eyberg (1998, cit. por Konold & Abidin, 2001) encontraram uma forte relação entre a percepção de coparentalidade das mães e o ajustamento comportamental das crianças. O conceito de coparentalidade encontra-se relacionado com o ajustamento parental, com os factores da coparentalidade e com o ajustamento das crianças (Feinberg, 2003). Uma relação de coparentalidade forte será preditora de um melhor ajustamento e conseqüente desenvolvimento da criança (Floyd, Gilliom & Costigan, 1998).

Segundo Feinberg (2002), a coparentalidade positiva está relacionada com a competência parental percebida pelos progenitores, com o comportamento das crianças e adolescentes (Floyd & Zmich, 1991; cit. por Feinberg, 2002), com baixos níveis de stress e com uma parentalidade autoritativa (Abidin & Brunner, 1995).

No que se refere à relação existente entre coparentalidade e estilos parentais, Abidin e Brunner (1995) mostram que existe uma correlação positiva e significativa entre coparentalidade e o estilo autoritativo, em ambos os progenitores, através da utilização de escalas de auto-avaliação.

1.3. Variáveis Socio-demográficas

1.3.1. Sexo

Esta variável demográfica é considerada no presente estudo, tendo em mente as diferenças que se poderão encontrar ou não, ao nível dos estilos parentais e da coparentalidade, entre pais e mães.

Os progenitores têm perspectivas diferentes em virtude dos processos únicos de socialização que vivenciaram e, também, porque a sua experiência como pais é muito diferente (Murphy, 1992; cit. por Cruz, 2005). Thompson e Walker (1989, cit. por Walker, 1999) também suportam esta ideia de que cada progenitor tem um estilo próprio na interacção que estabelece com o filho. De forma geral, as mães tendem a ser mais envolvidas e investem mais nas crianças, quando comparadas com os pais. Considerando a perspectiva dos sistemas familiares, os estilos parentais de pais e mães são conceptualizados como interdependentes e esta relação é fundamental no desenvolvimento dos filhos (Block, Block & Morrison, 1981; Lindsey & Mize, 2001). Alguns estudos referem que há uma tendência das mães apresentarem práticas parentais mais condizentes com os estilos parentais autoritativo ou permissivo; já no que respeita aos pais, as práticas tenderiam mais para um estilo autoritário, nomeadamente, quanto às práticas disciplinares (Conrade & Ho, 2001; Grigorenko & Sternberg, 2000; Mckinney & Renk 2008). Outros estudos provam que podem não existir diferenças ao nível dos estilos parentais entre os progenitores (Hein & Lewko, 1994).

Relativamente ao sexo dos filhos, resultados encontrados em estudos nesta área sugerem que há diferenças na parentalidade dos progenitores, em relação aos filhos e filhas (Starrels, 1994). As características individuais do(a)s filhos(as), vão ter grande influência no processo de parentalidade, agindo de forma diversa e podendo provocar diferentes respostas nos seus pais (Leaper, 2002).

Mckinney e Renk (2008), constataram que os pais e as mães apresentavam estilos parentais diferentes de acordo com o sexo dos filhos e que ter, pelo menos, um progenitor com estilo autoritativo poderia funcionar como factor protector na etapa final da adolescência. De acordo com este estudo, os rapazes tinham a percepção de serem alvo de uma parentalidade mais permissiva em comparação com as raparigas. De

salientar o facto de a parentalidade autoritativa coincidente estar associada a níveis mais elevados de ajustamento emocional; os níveis mais baixos encontravam-se associados a uma parentalidade autoritária de ambos os pais e à situação da mãe ser autoritária e o pai ser permissivo (McKinney & Renk, 2008).

No que se refere às diferenças entre pais e mães na coparentalidade, também se encontram estudos com resultados divergentes. Há estudos, como o de Abidin e Brunner (1995), que refere que há diferenças na coparentalidade, ainda que sejam pequenas, no sentido das mães terem uma maior percepção de coparentalidade. Já Van Egeren (2004) encontrou uma maior satisfação no que se refere à coparentalidade nos pais, comparativamente às mães. O autor relaciona as diferenças encontradas com o facto da transição para a parentalidade trazer maiores mudanças para a vida da mãe – ficar em casa com o bebé; a amamentação; e eventualmente pelo facto de as mães associarem as experiências de coparentalidade apenas à divisão de tarefas domésticas – que tendencialmente recaem sobre a mulher (Van Egeren, 2004). Por outro lado, há estudos que não encontram diferenças ou encontram muito poucas, como Geiger (1996, cit. por Deutsch, 2001) que refere existirem poucas diferenças nos comportamentos educativos de pais e mães, que têm o primeiro filho. Estes resultados podem ficar a dever-se ao facto da transição para a parentalidade implicar uma organização mais equilibradas das tarefas domésticas (Cowan & Cowan, 1992, cit. por Deutsch, 2001).

1.3.2. Religiosidade

A religiosidade será considerada neste estudo, na medida em que poderá ter influência nos estilos parentais e na coparentalidade.

Mahoney, Pargament, Tarakeshwar e Swank (2001) encontraram uma relação significativa entre a religiosidade e as qualidades parentais.

No que respeita aos estilos parentais, parece haver alguma discordância quanto à influência da religiosidade.

Há estudos que mostram que a religiosidade não influencia os estilos parentais (Duriez & Soenens, 2004).

Existem outros estudos que mostram que a religiosidade tem impacto nos comportamentos parentais; podendo este impacto ser negativo, em comportamentos como o bater e o castigar (Ellison, Bartkowski & Segal, 1996; cit. por Snider, Clements & Vazsonyi, 2004); ou positivo, revelando uma associação positiva entre a crença numa religião e comportamentos parentais positivos, como abraçar e ser carinhoso (Wilcox, 1998; cit. por Snider et al., 2004).

Jackson et al. (cit. por Mahoney et al., 2008) constataram que os pais que davam maior importância à religião, tinham maior probabilidade de valorizar a obediência dos filhos e de recorrer a atitudes educativas mais tradicionais e severas.

Pargament, Tarakeshwar e Swank (2008) concluíram que a religião pode ser facilitadora de interações familiares positivas, dado que, uma maior religiosidade parental se encontra ligada a uma maior satisfação com as relações pais-filhos, maiores níveis de afecto parental, maior consistência parental, alianças mais fortes entre progenitores e relações familiares mais coesas. Outro estudo faz referência à religiosidade como facilitadora de práticas parentais mais eficazes, que irão conduzir a um melhor ajustamento social dos filhos (Gunnoe, Hetherington & Reiss; cit. por Mahoney et al., 2008). Schottenbauer, Spernak e Hellstrom (2007) verificaram no seu estudo que a crença numa religião está positivamente associada com dimensões como a responsividade, a consistência parental, a segurança e o suporte. Snider e colaboradores (2004) apresentam resultados na mesma linha, havendo uma maior tendência para os pais mais religiosos demonstrarem um estilo autoritativo e os menos religiosos um estilo autoritário, não tendo sido encontradas diferenças significativas para o estilo permissivo.

II. Processo Metodológico

A presente investigação é um estudo exploratório que segue um paradigma positivista, com uma abordagem quantitativa do processamento dos dados e buscando a compreensão da relação entre variáveis.

2.1. Questão Inicial

A questão inicial deste estudo prende-se com perceber se há influência das variáveis sexo e religiosidade nas variáveis estilos parentais e coparentalidade, bem como, perceber se estas variáveis se correlacionavam de alguma forma.

2.2. Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação

O mapa conceptual que se apresenta seguidamente, pretende ilustrar as relações entre as variáveis que pretendemos estudar na presente investigação.

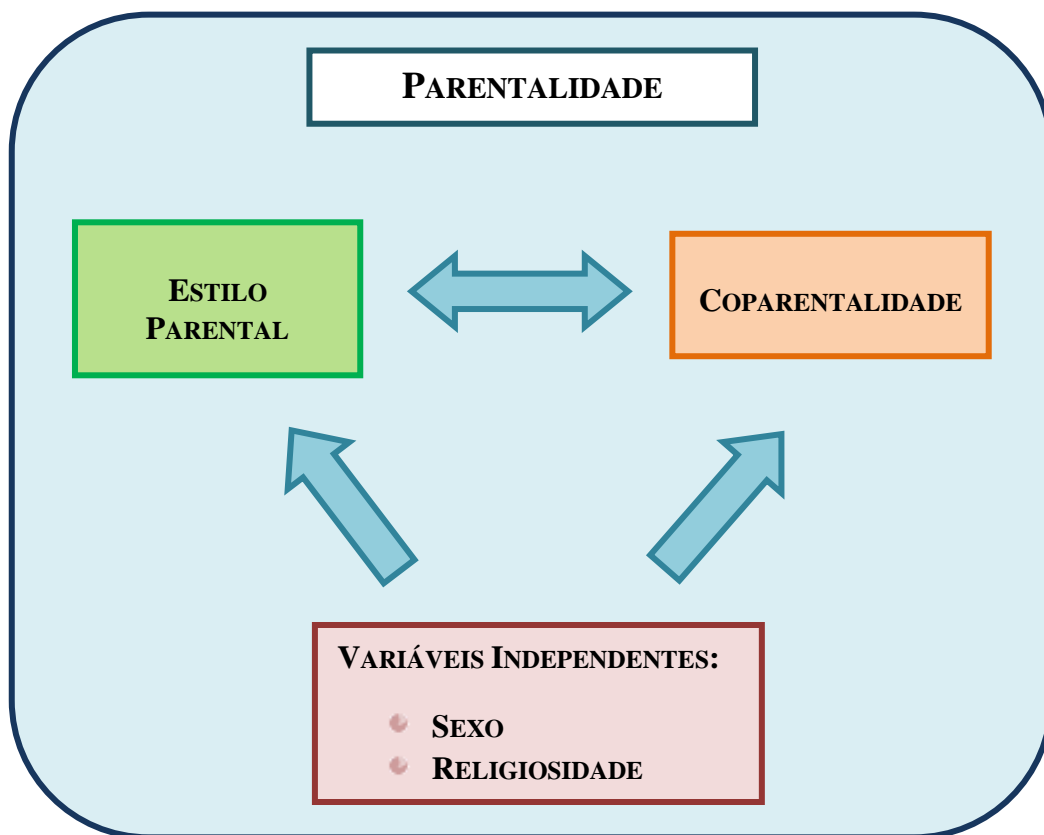


Figura 3: Mapa Conceptual das Variáveis de Investigação

2.3. Objectivos Gerais e Específicos

O objectivo geral desta investigação prende-se com o estudo das variáveis de parentalidade – estilos parentais e coparentalidade, a relação entre ambos e a influência das variáveis sexo e religiosidade, em casais casados ou a viver em união de facto e com filhos.

Como objectivos específicos pretende-se estudar:

- as diferenças entre os estilos parentais maternos e paternos;
- as diferenças entre os estilos parentais de acordo com o sexo dos filhos;
- as diferenças nas percepções de pais e mães quanto à coparentalidade;
- a relação entre os estilos parentais e a coparentalidade;
- a influência das variáveis religião e “ser praticante” nos estilos parentais de mães e pais;
- a influência das variáveis religião e ser praticante nas percepções de coparentalidade de mães e pais.

Os objectivos da investigação estão directamente relacionados com as questões de investigação.

2.4. Questões de Investigação

Com o objectivo de conduzir o estudo, foram formuladas algumas questões de investigação que servirão como base à análise dos dados obtidos.

Q.I.1: Os estilos parentais que diferem significativamente entre mães e pais:

1.1. Na avaliação feita pelos próprios?

1.2. Na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

Q.I.2: Os estilos parentais diferem significativamente entre filhos (masculino) e filhas:

2.1. Na avaliação feita pelos próprios?

2.2. Na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

Q.I.3: A percepção de coparentalidade da mãe e a percepção de coparentalidade do pai diferem significativamente?

Q.I.4: Existe correlação entre os estilos parentais da mãe e a percepção de coparentalidade do pai?

Q.I.5: Existe correlação entre os estilos parentais do pai e a percepção de coparentalidade da mãe?

Q.I.6: Existem diferenças significativas nos estilos parentais próprio e outro de acordo com a variável religião:

6.1. Para as mães?

6.1. Para os pais?

Q.I.7: Existem diferenças significativas nos estilos parentais próprio e outro de acordo com a variável “ser praticante”:

7.1. Para as mães?

7.2. Para os pais?

Q.I.8: Existem diferenças significativas na coparentalidade de mães e pais de acordo com a variável religião?

Q.I.9: Existem diferenças significativas na coparentalidade de mães e pais de acordo com a variável “ser praticante”?

2.5. Estratégia Metodológica

2.5.1. Selecção e Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo é composta por casais casados ou que vivam em união de facto há mais de dois anos e que têm filhos.

A amostra é constituída por 170 casais, 50% (n=170) de pessoas do sexo masculino e 50% de pessoas do sexo feminino. Os pais têm idades entre os 24 e os 67 anos, com uma média de 43,15 (DP=6,56) e as mães têm idades entre os 29 e os 59 anos, com uma média de 40,39 (DP=5,23).

Estes dados, bem como os restantes que se encontram no Quadro 1, foram obtidos a partir de um questionário socio-demográfico preenchido por cada participante (ver Anexo I).

Quadro 1: Caracterização da amostra em estudo

Variável Demográfica	N		Percentagem Válida (%)	
Sexo				
Masculino	170		50	
Feminino	170		50	
Idade	Mães	Pais	Mães	Pais
20-29	1	1	0,6	0,6
30-39	77	48	45,8	30
40-49	83	88	49,4	55
50-59	7	19	4,2	11,9
60-69	0	4	0	2,5
Estado Civil				
Casado	151		88,8	
União de Facto	19		11,2	

Área de Residência				
Lisboa e Vale do Tejo	170		100	
Escolaridade	Mãe	Pais	Mães	Pais
0 a 4 anos	14	13	8,3	8,3
5 a 6 anos	11	22	6,5	14,0
7 a 9 anos	34	31	20,2	19,7
10 a 12 anos	43	43	25,6	27,4
Frequência Universitária	7	2	4,2	1,3
Ensino Superior	53	42	31,5	26,8
Ensino Pós-graduado	6	4	3,6	2,5
Profissão	Mães	Pais	Mães	Pais
Quadros Superiores	3	10	1,8	6,7
Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	38	23	23,3	15,3
Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	29	35	17,8	23,3
Pessoal Administrativo e Similares	25	12	15,3	8,0
Pessoal dos Serviços e Vendedores	36	19	22,1	12,7
Agricultores e Trabalhadores qualificados da Agricultura e Pescas	0	2	0	1,3
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	3	36	1,8	24,0
Operadores de instalações e máquinas e Trabalhadores da montagem	0	7	0	4,7

Trabalhadores não qualificados	29	6	17,8	4,0
Profissão Reclassificada	Mães	Pais	Mães	Pais
Nível Baixo	68	70	41,7	46,7
Nível Médio	54	47	33,1	31,3
Nível Médio-alto e Alto	41	33	25,2	22,0
Religião	Mães	Pais	Mães	Pais
Sim	160	140	94,7	88,6
Não	9	18	5,3	11,4
Praticantes	Mães	Pais	Mães	Pais
Sim	80	56	50,6	40,9
Não	78	81	49,4	59,1
Número de Filhos	Mães	Pais	Mães	Pais
1	32	30	18,8	18,6
2	85	75	50,0	46,6
3	36	39	21,2	24,2
4	11	12	6,5	7,5
5	3	4	1,8	2,5
6	2	1	1,2	0,6
10	1	0	0,6	0

De acordo com o Quadro 1, dos casais que participaram do estudo 151 são casados (88,8%) e 19 vivem em união de facto (11,2%). A totalidade dos indivíduos que respondeu aos questionários reside na área de Lisboa e Vale do Tejo. Em relação à escolaridade das mães, 31,5% tem escolaridade ao nível do ensino superior (n=53), 25,6% tem 10 a 12 anos de escolaridade (n=43) e as restantes apresentam escolaridades ao nível de 0 aos 4 anos (8,3%, n=14), de 5 a 6 anos (6,5%, n=11), de 7 a 9 anos (20,2%, n=34), ao nível da frequência universitária (4,2%, n=7) e ao nível do ensino pós-graduado (3,6%, n=6). Em relação à escolaridade dos pais, 27,4% tem 10 a 12 anos

de escolaridade (n=43), 26,8% tem escolaridade ao nível do ensino superior (n=42) e os restantes têm escolaridade ao nível de 0 aos 4 anos (8,3%, n=13), de 5 a 6 anos (14,0%, n=22), de 7 a 9 anos (19,7%, n=31), ao nível de frequência universitária (1,3%, n=2) e ao nível do ensino pós-graduado (2,5%, n=4). As profissões de mães e pais foram reclassificadas¹ de modo a pertencerem ao nível baixo, ao nível médio e ao nível médio-alto e alto. No nível baixo encontravam-se 41,7% das mães (n=68) e 46,7% dos pais (n=70), no nível médio encontravam-se 33,1% das mães (n=54) e 31,3% dos pais (n=47), no nível médio-alto e alto encontravam-se 25,2% das mães (n=41) e 22,0% dos pais (n=33). Quanto à religião, a maioria das mães são religiosas (n=160; 94,7%) e apenas 9 não são (5,3%); nos pais também se verifica que na maioria são religiosos (n=140; 88,6%) e 18 não são (11,4%). Em relação a ser praticante, 80 mães são praticantes (50,6%) e 78 não são praticantes (49,4%); 56 pais são praticantes (40,9%) e 81 não são praticantes (59,1%). Quanto ao número de filhos, 32 mães têm 1 filho (18,8%), 85 mães têm 2 filhos (50,0%), 36 mães têm 3 filhos (21,2%), 11 mães têm 4 filhos (6,5%), 3 mães têm 5 filhos (1,8%), 2 mães têm 6 filhos (1,2%) e apenas 1 mãe tem dez filhos (0,6%); no que diz respeito aos pais, 30 pais têm 1 filho (18,6%), 75 pais têm 2 filhos (46,6%), 39 pais têm 3 filhos (24,2%), 12 pais têm 4 filhos (7,5%), 4 pais têm 5 filhos (2,5%) e 1 pai tem seis filhos (0,6%).

2.5.2. Instrumentos Utilizados

Para além de um questionário demográfico foram aplicados mais dois instrumentos – o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007) e o *Questionário da Coparentalidade* (Margolin et al., 2001; adaptado por Pedro & Ribeiro, 2007)².

¹ Para a reclassificação das profissões em níveis recorreu-se à classificação de Simões (1994).

² As adaptações de ambos os instrumentos inserem-se em estudos de Doutoramento, a decorrer, pelo que não há ainda publicações sobre os mesmos.

2.5.2.1. Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

O *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP) (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007), pretende avaliar empiricamente os estilos parentais de cada um dos progenitores, bem como a percepção que cada um tem, sobre as práticas parentais do outro (ver Anexo II).

Este instrumento compreende uma versão “Mãe” e uma versão “Pai”, sendo que cada uma é constituída por 32 itens, cuja resposta se situa numa escala de *Likert* de cinco pontos, onde o 1 corresponde a “Nunca” e o 5 a “Sempre”, de acordo com a frequência com que ocorrem as situações que estão descritas nas afirmações. As duas versões diferem apenas quanto ao género no qual se formulam os itens, sendo que numa primeira parte as respostas se referem ao modo como o próprio age em relação ao seu filho(a) e numa segunda parte, responde sobre o modo de actuação da mãe/pai do seu filho(a).

De acordo com a tipologia de Baumrind (1966), aos três principais estilos parentais – Autoritário, Autoritativo e Permissivo – subjazem práticas parentais que poderão ser avaliadas através deste instrumento.

O instrumento original de Robinson e colaboradores (1995), o *Parenting Styles and Dimension Questionnaire* (PDSQ), era inicialmente constituído por 133 itens e após uma redução do número de itens (através de rotação Varimax) foram extraídos 62 que foram agrupados segundo os três estilos parentais. São 20 itens relativos ao estilo autoritário, com uma consistência interna de .86 (*alpha* de Cronbach); 27 itens relativos ao estilo autoritativo, com uma consistência interna de .91 (*alpha* de Cronbach); e 15 itens relativos ao estilo permissivo, com uma consistência interna de .75 (*alpha* de Cronbach).

Numa investigação sobre Conjugalidade e Parentalidade, orientada por Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008), no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia do Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, as autoras realizaram um estudo referente à adaptação do instrumento à população portuguesa e para analisar as características metrológicas do mesmo (QDEP *short version* – 32 itens; Robinson et al., 2001). Este estudo mostrou uma elevada fiabilidade do instrumento, sendo que apresenta para o estilo autoritativo um *alpha* de Cronbach de .86, para o estilo autoritário um *alpha* de Cronbach de .82 e para o permissivo um *alpha* de .64, tendo-se verificado uma estrutura trifactorial,

através da análise de componentes principais. Para a adaptação do instrumento, uma vez que se trata de uma escala ordinal, utilizou-se uma variante da análise em componentes principais – Análise das Ordens, que recorre à aplicação de uma matriz de correlação de *Spearman* (em vez da tradicional matriz de correlações de *Pearson*), tendo sido retirados os itens 4, 10, 26 e 28. De modo a obter o resultado global referente a cada estilo, procede-se ao cálculo da média aritmética.

Na amostra alvo de análise no presente estudo, os valores de consistência interna foram para o QDEP Mãe na escala de auto-avaliação – *alpha de Cronbach*=.77 e para a escala de heteroavaliação – *alpha de Cronbach*=.82; para o QDEP Pai na escala de auto-avaliação – *alpha de Cronbach*=.86 e para a escala de hetero-avaliação – *alpha de Cronbach*=.70.

2.5.2.2. Questionário da Coparentalidade (QC)

O *Questionário da Coparentalidade* (Margolin et al., 2001; adaptado por Pedro & Ribeiro, 2008) pretende medir os níveis de suporte e coordenação entre ambos os pais ou figuras parentais, no que concerne ao desempenho das suas funções e responsabilidades na educação da criança (ver Anexo III).

Este instrumento é composto por 14 itens, que se encontram agrupados segundo três dimensões diferentes que permitem avaliar a coparentalidade – a cooperação (itens 1 a 5), a triangulação (itens 6 a 9) e o conflito (itens 10 a 14).

A dimensão cooperação refere-se ao quanto os pais se apoiam, valorizam e respeitam um ao outro, enquanto pais. A dimensão triangulação diz respeito ao grau em que um dos pais cria um aliança com o filho que menospreza ou exclui o outro progenitor. A última dimensão refere-se ao conflito entre os pais no que concerne às questões da parentalidade, a frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho, o quanto se menosprezam mutuamente enquanto pais (Margolin et al., 2001).

O objectivos dos autores ao criarem o QC foi incluir a cooperação, a triangulação e o conflito num questionário breve que avaliasse exclusivamente a coparentalidade de forma estandardizada. Os autores partem da premissa de que os pais (pai e mãe) podem providenciar a perspectiva mais compreensiva da coparentalidade (Margolin et al., 2001).

Este instrumento apresenta bons índices de consistência interna, relativamente às três dimensões que permite estudar, valores de *alpha de Cronbach* que variam entre 0.69 e 0.87 (Margolin et al., 2001).

As respostas aos diferentes itens são dadas de acordo com uma escala de *Likert* de cinco pontos, na qual o 1 corresponde a “Nunca” e o 5 corresponde a “Sempre”. A pontuação final obtida reflecte as percepções que os pais têm um do outro relativamente ao desempenho das funções parentais e suporte mútuo. Desta forma, os valores da coparentalidade correspondentes à figura materna são obtidos através das respostas da figura paterna ao questionário e vice-versa. (Margolin et al., 2001).

Na amostra do presente estudo o QC Mãe tem um *alpha de Cronbach* de .90 e o QC Pai tem *alpha de Cronbach* de .86.

2.5.3. Procedimentos de Recolha e Tratamento dos dados

Os procedimentos de recolha dos dados ocorreram com a aplicação do questionário demográfico e dos restantes questionários, previamente mencionados, aos indivíduos que constituem a amostra em estudo.

Os dados foram recolhidos através de um protocolo que continha mais instrumentos³, do que os que são alvo do presente estudo, e que foi aplicado em escolas do 2º ciclo de escolaridade. Foram aplicados protocolos aos filhos e a cada um dos progenitores. A investigadora deslocou-se às escolas e aplicou os questionários destinados aos filhos, cujos pais autorizaram a participação, tendo os mesmos sido recolhidos no final da aplicação. Seguidamente cada um dos filhos levou um envelope com os questionários do pai e da mãe e foram explicados os princípios de anonimato e confidencialidade, garantidos aos participantes da investigação.

Não foram considerados válidos os protocolos cujo questionário socio-demográfico dos pais se encontrava por preencher e aqueles cujo preenchimento dos instrumentos se encontrava totalmente em branco.

³ Os instrumentos utilizados faziam parte de um protocolo de investigação mais amplo, elaborado no âmbito do Doutoramento da Dr.^a Marta Pedro.

Os questionários dos pais, devolvidos em envelope selado, foram, posteriormente, recolhidos em cada escola e destes foram seleccionados os casais casados e a viver em união de facto.

Todos os dados dos participantes e as suas respostas aos protocolos foram inseridos numa base de dados previamente construída. A forma de construção da base permitiu que cada entrada correspondesse a um casal, ou seja, os dados foram emparelhados por casal. Posteriormente, os dados foram sujeitos a análise estatística com recurso ao SPSS 17[®] (Statistical Package for the Social Sciences).

III. Descrição e Análise dos Resultados

No que respeita aos procedimentos estatísticos⁴ relativos à análise estatística inferencial do presente estudo, a normalidade das distribuições foi testada (Apêndice A) para as variáveis – estilos parentais da mãe, estilos parentais do pai, coparentalidade da mãe e coparentalidade do pai e, como em nenhuma delas se verificaram os pressupostos da mesma ($p < 0,05$), recorreu-se à utilização de testes não paramétricos.

Sempre que se verifiquem diferenças estatisticamente significativas, recorreremos aos valores de mediana para compreender o sentido da diferença. Visto que as distribuições não seguem a normalidade, a mediana constitui-se como um critério mais robusto.

Como forma de organização da informação obtida, a mesma será apresentada à medida que se responde às questões de investigação colocadas anteriormente.

1. Os estilos parentais que diferem significativamente entre mães e pais:

1.1. Na avaliação feita pelos próprios?

Recorremos ao teste de Wilcoxon (Apêndice B) para proceder à comparação dos estilos parentais das mães e dos pais, quando responderam ao questionário de auto-avaliação do QDEP, e foi possível concluir que existem diferenças estatisticamente significativas entre mães e pais em relação aos estilos **Autoritativo Próprio** e **Autoritário Próprio**.

Quadro 2: Análise Descritiva dos Estilos Parentais Próprios de Mães e Pais

	Mãe Autoritativo	Pai Autoritativo	Mãe Autoritário	Pai Autoritário
Mediana	4,27	4,07	2,13	1,88
Desvio-padrão	0,51	0,68	0,48	0,52

⁴ Para efeitos das análises estatísticas será considerado o valor de $\alpha = 0,05$.

Mínimo	2,20	1,67	1,13	1,13
Máximo	5,00	5,00	4,13	3,75

No Estilo Autoritativo Próprio ($Z=-4,076$; $p=0,000$) tendo em conta que a mediana no Estilo Autoritativo Próprio da Mãe ($Me=4,27$) é mais elevada do que no Estilo Autoritativo Próprio do Pai ($Me=4,07$), pode constatar-se que as mães se avaliam como sendo mais autoritativas do que os pais se avaliam a si próprios.

No Estilo Autoritário Próprio ($Z=-2,642$; $p=0,008$) tendo em conta que a mediana no Estilo Autoritário Próprio da Mãe ($Me=2,13$) é mais elevado do que no Estilo Autoritário Pai ($Me=1,88$), pode constatar-se que as mães se avaliam como sendo mais autoritárias do que os pais se avaliam a si próprios.

Ainda de referir que, embora não seja uma diferença estatisticamente significativa, as mães também se consideraram mais permissivas do que os pais.

1.2. Na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

Recorremos ao teste de Wilcoxon (Apêndice C) para proceder à comparação dos estilos parentais das mães e dos pais, quando responderam ao questionário de hetero-avaliação do QDEP, e foi possível concluir que existem diferenças estatisticamente significativas entre mães e pais em relação aos estilos **Autoritativo Outro**, **Autoritário Outro** e **Permissivo Outro**.

Quadro 3: Análise Descritiva dos Estilos Parentais do Outro de Mães e Pais

	Mãe Autoritativo	Pai Autoritativo	Mãe Autoritário	Pai Autoritário	Mãe Permissivo	Pai Permissivo
Mediana	4,07	4,20	1,88	2,00	1,80	2,00
Desvio-padrão	0,86	0,68	0,54	0,53	0,65	0,67

Mínimo	1,60	2,13	1,00	1,13	1,00	1,00
Máximo	5,60	7,60	3,88	3,63	4,20	4,80

No Estilo Autoritativo Outro ($Z=-2,946$; $p=0,003$) tendo em conta que o valor da mediana no Estilo Autoritativo Outro da Mãe ($Me=4,07$) é menor do que no Estilo Autoritativo Outro do Pai ($Me=4,20$), pode observar-se que os pais avaliam as mães como sendo mais autoritativas do que as mães os avaliam a eles.

No Estilo Autoritário Outro ($Z=-2,224$; $p=0,026$) tendo em conta que o valor da mediana no Estilo Autoritário Outro da Mãe ($Me=1,88$) é menor do que no Estilo Autoritário Outro do Pai ($Me=2,00$), observar-se que os pais avaliam as mães como sendo mais autoritárias do que as mães os avaliam a eles.

No Estilo Permissivo Outro ($Z=-3,329$; $p=0,001$) tendo em conta que o valor da mediana no Estilo Permissivo Outro da Mãe ($Me=1,80$) é menor do que no Estilo Permissivo Outro do Pai ($Me=2,00$), pode observar-se que os pais avaliam as mães como sendo mais permissivas do que as mães os avaliam a eles.

2. Os estilos parentais diferem significativamente entre filhos (masculino) e filhas:

2.1. Na avaliação feita pelos próprios?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice D) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais de mães e pais de acordo com o sexo do seus filhos, quando responderam ao questionário de auto-avaliação do QDEP, e apenas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no **Estilo Permissivo Próprio** das Mães.

Quadro 4: Análise Descritiva do Estilo Parental Permissivo das Mães para filhos e filhas

	Mãe Permissivo Filhos	Mãe Permissivo Filhas
Mediana	2,00	1,80
Desvio-padrão	0,50	0,60
Mínimo	1,20	1,00
Máximo	3,40	3,60

No Estilo Permissivo Próprio das Mães ($Z=-2,182$; $p=0,029$) tendo em conta que o valor da mediana no que concerne aos filhos (rapazes) ($Me=2,00$) é maior do que o valor de mediana para as filhas ($Me=1,80$), é possível observar que as mães se consideram mais permissivas com os filhos do que com as filhas.

2.2. Na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice E) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais de mães e pais de acordo com o sexo dos seus filhos, quando responderam ao questionário de hetero-avaliação do QDEP, e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

3. A percepção de Coparentalidade da Mãe e a percepção de Coparentalidade do Pai diferem significativamente?

Recorremos ao teste de Wilcoxon (Apêndice F) para proceder à comparação das percepções de coparentalidade de mães e pais, quando responderam ao QC. De salientar

que no QC cada um dos pais responde pensando na forma como o outro age em relação a si⁵.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre mães e pais quanto à percepção de coparentalidade ($Z=-3,072$; $p=0,002$).

Quadro 5: Análise descritiva das variáveis Coparentalidade Mãe e Coparentalidade Pai

	Coparentalidade Mãe	Coparentalidade Pai
Mediana	4,43	4,50
Desvio-padrão	0,64	0,48
Mínimo	1,93	2,07
Máximo	5,00	5,00

Analisando os valores de mediana é possível concluir que os pais obtiveram um valor mais elevado ($Me=4,50$) do que as mães ($Me=4,43$), é possível verificar que os pais consideram mais satisfeitos com a relação coparental do que as mães.

4. Existe correlação entre os Estilos Parentais da Mãe e a percepção de Coparentalidade do Pai?

De forma a analisar o grau de relação existente entre as variáveis de Estilo Parental Próprio da Mãe e a Coparentalidade Pai, efectuou-se uma análise correlacional entre as variáveis (Anexo G).

Dado que existem três estilos parentais próprios relativos à mãe, procedeu-se à realização de três correlações (Estilo Autoritativo Próprio x Coparentalidade Pai; Estilo Autoritário Próprio x Coparentalidade Pai; Estilo Permissivo Próprio x Coparentalidade

⁵ A variável Coparentalidade Mãe refere-se às respostas dadas pelas mães acerca dos comportamentos dos pais e a variável Coparentalidade Pai refere-se às respostas dadas pelos pais acerca dos comportamentos das mães.

Pai). Tendo em conta que o pressuposto da normalidade para os estilos parentais e a coparentalidade não foi assegurado, utilizou-se o Coeficiente de correlação de *Spearman* (o teste de significância associado ao coeficiente de correlação de *Spearman* é um teste não paramétrico).

Quadro 6: Correlações obtidas entre a Coparentalidade Pai e o Estilo Parental Próprio da Mãe

	r de Spearman
Coparentalidade x Autoritativo P	0,268(**)
Coparentalidade x Autoritário P	-0,138
Coparentalidade x Permissivo P	-0,084

** Correlação significativa $\leq 0,01$

Os resultados obtidos demonstram que a correlação entre o estilo parental Autoritativo Próprio da Mãe e a Coparentalidade Pai é altamente significativa ($\alpha = 0,01$) e directa, embora moderada.

Os estilos parentais Autoritário Próprio e Permissivo Próprio não apresentaram correlação significativa com a variável Coparentalidade Pai.

De salientar que para todos os valores obtidos, apenas se verifica uma relação positiva entre o estilo parental Autoritativo Próprio e a Coparentalidade Pai, o que significa que quando uma destas variáveis aumenta a outra também aumenta. Quanto à correlação entre os estilos parentais Autoritário e Permissivo e a Coparentalidade Pai, não tendo estas correlações valores significativos, percebe-se que se correlacionam inversamente, ou seja, quando estas variáveis aumentam a coparentalidade diminui.

5. Existe correlação entre os Estilos Parentais do Pai e a percepção de Coparentalidade da Mãe?

De forma a analisar o grau de relação existente entre as variáveis de Estilo Parental Próprio do Pai e Coparentalidade Mãe, efectuou-se uma análise correlacional entre as variáveis (Anexo H).

Dado que existem três estilos parentais próprios relativos ao pai, procedeu-se à realização de três correlações (Estilo Autoritativo Próprio x Coparentalidade Mãe; Estilo Autoritário Próprio x Coparentalidade Mãe; Estilo Permissivo Próprio x Coparentalidade Mãe). Tendo em conta que o pressuposto da normalidade para os estilos parentais e a coparentalidade não foi assegurado, utilizou-se o Coeficiente de correlação de *Spearman* (o teste de significância associado ao coeficiente de correlação de *Spearman* é um teste não paramétrico).

Quadro 7: Correlações obtidas entre a Coparentalidade Pai e o Estilo Parental Próprio da Mãe

	r de Spearman
Coparentalidade x Autoritativo P	0,425(**)
Coparentalidade x Autoritário P	0,092
Coparentalidade x Permissivo P	-0,159

** Correlação significativa $\leq 0,01$

Os resultados obtidos demonstram que a correlação entre o estilo parental Autoritativo Próprio do Pai e a Coparentalidade Total da Mãe é altamente significativa ($\alpha = 0,01$) e directa, embora moderada.

Os estilos parentais Autoritário Próprio e Permissivo Próprio não apresentaram correlação significativa com a variável Coparentalidade Total Mãe.

Quanto à correlação entre os estilos parentais Autoritário e Permissivo e a Coparentalidade Total do Pai, não tendo estas correlações valores significativos, percebe-se que em relação ao estilo Autoritário se correlacionam de forma directa e em relação ao estilo Permissivo se correlacionam inversamente.

6. Existem diferenças significativas nos Estilos Parentais Próprio e Outro de acordo com a variável Religião:

6.1. Para as mães?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice I) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais próprios e outro (Autoritativo, Autoritário e Permissivo) das mães de acordo com a variável religião.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos estilos parentais próprio e outro das mães, de acordo com esta variável.

6.2. Para os pais?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice J) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais próprios e outro (Autoritativo, Autoritário e Permissivo) dos pais de acordo com a variável religião.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos estilos parentais próprio e outro dos pais, de acordo com esta variável.

7. Existem diferenças significativas nos Estilos Parentais Próprio e Outro de acordo com a variável “Ser Praticante”:

7.1. Para as mães?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice K) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais próprios e outro (Autoritativo, Autoritário e Permissivo) das mães de acordo com a variável ser praticante.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos estilos parentais, próprio e outro, de acordo com esta variável.

7.2. Para os pais?

Recorremos ao teste de Mann-Whitney (Apêndice L) para perceber se existiam diferenças significativas nos estilos parentais próprios e outro (Autoritativo, Autoritário e Permissivo) dos pais de acordo com a variável ser praticante.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no estilo parental Permissivo Próprio ($Z=-2,218$; $p=0,027$).

Quadro 8: Análise Descritiva do Estilo Permissivo Próprio de acordo com “ser praticante” ou não

	Permissivo P Praticante	Permissivo P Não Praticante
Mediana	1,80	2,00
Desvio-padrão	0,48	0,53
Mínimo	1,20	1,00
Máximo	2,80	4,00

Tendo em conta que o valor da mediana é superior para “não praticante” ($Me=2,00$) do que para “praticante” ($Me=1,80$), é possível constatar que existe uma relação significativa entre este estilo parental e ser “não praticante”.

8. Existem diferenças significativas na coparentalidade de mães e pais de acordo com a variável religião?

9. Existem diferenças significativas na coparentalidade de mães e pais de acordo com a variável ser praticante?

Foi analisada a influência das variáveis religião e ser praticante, nas percepções de coparentalidade de mães e pais e não foram encontradas diferenças significativas nos resultados que indiquem que as primeiras variáveis tenham influência nas segundas (Apêndice M).

IV. Discussão

Tendo em conta os resultados apresentados no capítulo anterior, pode considerar-se que é possível responder à questão inicial deste estudo. Foi possível verificar a influência da variável sexo e da religiosidade nas variáveis da parentalidade em estudo – estilos parentais e coparentalidade, bem como, perceber se estas variáveis se correlacionavam.

Os resultados encontrados no presente estudo, no que se refere aos estilos parentais, permitiram constatar que existem diferenças entre as mães e os pais no que se refere aos estilos parentais.

É importante salientar que ao fazermos a análise dos estilos parentais das mães e pais desta amostra estamos a inferir o tipo de práticas parentais exercidas pelos mesmos, uma vez que, como foi referido no enquadramento teórico, e de acordo com Darling e Steinberg (1993), as práticas educativas são influenciadas pelos estilos parentais, daí que se possa deduzir o tipo de práticas que são exercidas pelos pais através da avaliação dos estilos parentais.

As diferenças encontradas apontam no sentido de que as mães se consideram mais autoritativas e mais autoritárias do que os pais se consideram a eles próprios. E os pais consideram as mães mais autoritativas, autoritárias e permissivas do que elas os consideram a eles.

O facto de as mães se avaliarem como mais autoritativas era um resultado esperado de acordo com a revisão de literatura e os estudos referidos no enquadramento, no entanto o facto de as mães se avaliarem como mais autoritárias do que os pais, não seria um resultado esperado.

No que se refere ao estilo autoritário, os pais tendem a ser ligeiramente mais autoritários do que as mães, segundo alguns dos estudos referidos no enquadramento (Conrade & Ho, 2001; Grigorenko & Sternberg, 2000) e, no entanto, não foi isto que se verificou na nossa amostra.

Thompson e Walker (1989, cit. por Walker, 1999) referem que cada progenitor tem um estilo próprio na interacção que estabelece com o filho e que, de forma geral, as

mães tendem a ser mais envolvidas e investem mais nas crianças, quando comparadas com os pais, o que é condizente com o estilo autoritativo.

Alguns estudos referidos anteriormente, apontam uma tendência das mães apresentarem práticas parentais mais condizentes com os estilos parentais autoritativo ou permissivo; já no que respeita aos pais, as práticas tenderiam mais para um estilo autoritário, nomeadamente, quanto às práticas disciplinares (Conrade & Ho, 2001; Grigorenko & Sternberg, 2000; Mckinney & Renk 2008).

Uma possível explicação para este resultado pode estar relacionada com a idade dos filhos dos casais que participaram do estudo, entre os 9 e os 12 anos, idades em que regras e normas sociais têm que ser interiorizadas e as mães podem assumir essa postura mais exigente nas rotinas dos filhos, acabando isso por influenciar a forma como as mães encaram as suas práticas parentais e estas são encaradas pelos pais. De acordo com a tipologia de Maccoby e Martin (1983), referida anteriormente, tanto o estilo parental autoritativo como o estilo parental autoritário têm pontuações elevadas na dimensão exigência.

O facto dos pais considerarem as mães como mais permissivas, pode relacionar-se com o facto de as mães serem percebidas como menos rigorosas e adeptas da disciplina e das regras comparativamente ao padrão que os pais têm.

Nesta análise não foram encontradas diferenças significativas nos estilos parentais que os pais têm com filhos e filhas, mas foram encontrados resultados que apontam no sentido de as mães permissivas o serem mais com os filhos.

Este resultado encontrado vai de encontro ao estudo de Mckinney e Renk (2008), no qual os autores constataram que os pais e as mães apresentavam estilos parentais diferentes de acordo com o sexo dos filhos. Segundo este estudo, os rapazes tinham a percepção de serem alvo de uma parentalidade mais permissiva em comparação com as raparigas.

Foram encontradas diferenças significativas nas percepções de coparentalidade de pais e mães, sendo que os pais apresentam resultados mais elevados.

Tendo em conta que quando os pais respondem ao instrumento estão a avaliar a sua relação de coparentalidade de acordo com a forma como as mães agem, este

resultado está de acordo com o estudo de Van Egeren (2004) que nos diz que, de um modo geral, os pais estão significativamente mais satisfeitos no que se refere à coparentalidade, quando comparados com as mães.

O autor explica esta diferença pelo facto das mudanças de vida, no momento da transição para a parentalidade, tenderem a ser maiores para a mãe (a amamentação; ter de ficar em casa e não estar a trabalhar, etc.) ou pelo facto desta diferença estar associada à divisão de tarefas domésticas (também associada à aliança parental), que normalmente são desigualmente distribuídas ficando maioritariamente a cargo da mãe.

Para perceber a relação existente entre os estilos parentais e a coparentalidade, foi realizada uma análise correlacional e verificou-se que existe uma correlação positiva e altamente significativa entre a coparentalidade e o estilo parental autoritativo, o que está de acordo com o estudo de Abidin e Brunner (1995) referido no enquadramento teórico.

A correlação entre a coparentalidade e os estilos permissivo e autoritário foi negativa e fraca, não sendo estatisticamente significativa.

Interpretando estes resultados, concluímos que os pais que apresentam uma coparentalidade elevada tendem a ter resultados elevados no estilo autoritativo e vice-versa.

De acordo com o Modelo Ecológico de Feinberg (2003), as influências individuais remetem para as características individuais dos pais (atitudes, equilíbrio emocional e mental) que influenciam a coparentalidade e a relação entre os pais. A coparentalidade pressupõe uma relação diádica entre os pais que implica um processo bi-direccional, uma vez que, ambos os parceiros afectam e são afectados pelos comportamentos e atitudes um do outro (Gordon & Feldman, 2008; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Os pais que investem nos filhos, que valorizam o envolvimento do parceiro com as crianças e que comunicam entre si, respeitando a opinião um do outro, têm tendência a desenvolver práticas parentais positivas. Encorajando a troca de ideias com os filhos e fazendo uso do seu poder parental de uma forma racional e não punitiva. Relativamente às correlações fracas e negativas encontradas entre a coparentalidade e os estilos autoritário e permissivo, indicam que as variáveis se relacionam inversamente, ou seja,

pais que têm uma coparentalidade elevada, tendem a ter pontuações baixas nestes estilos parentais.

No que respeita à influência da religiosidade nos estilos parentais, os resultados obtidos não revelam diferenças significativas entre os estilos parentais das mães nem dos pais no que respeita ao facto de ser religioso.

Apenas para os pais que se avaliaram como sendo permissivos surgiram diferenças significativas quanto a ser praticante ou não, no sentido de existir uma relação significativa entre este estilo parental e ser não praticante.

Este resultado não está de acordo com o estudo de Snider e colaboradores (2004) que não encontrou diferenças significativas para o estilo permissivo.

Quanto às diferenças encontradas para o estilo permissivo, pode colocar-se a hipótese de que os pais crentes praticantes valorizarem o respeito por normas, rotinas e tenderem a demonstrar um certo nível de exigência para com os filhos, de acordo com a tipologia encontrada por Baumrind (1966, 1968) e como tal os pais permissivos não se enquadram nestas características, mais associadas aos pais e mães com estilo autoritativo.

No que respeita à influência da religiosidade na coparentalidade, as análises efectuadas não revelaram diferenças significativas no que respeita a “ser religioso” ou não, nem quanto ao facto de “ser praticante” ou não. Estes resultados vão de encontro ao facto de não se ter encontrado na literatura associação entre a coparentalidade e estas variáveis. Estes resultados podem estar relacionados com o facto de estas variáveis não terem sido significativas para as diferenças nos estilos parentais. Numa perspectiva ecológica da coparentalidade, Feinberg (2003), as variáveis individuais dos pais influenciam a relação de coparentalidade, e se a religiosidade não afectou as diferenças nos estilos parentais, talvez por isso tenha ocorrido o mesmo na coparentalidade.

Conclusão

Com a realização desta investigação foi possível estudar as variáveis da parentalidade sobre as quais nos debruçámos – os estilos parentais e a coparentalidade. E constatar que existem diferenças nos estilos parentais de pais e mãe e na forma como uns e outros, se percebem a si próprios e ao cônjuge/companheiro. Foi assim possível constatar a influência da variável sexo, tanto dos progenitores como dos seus filhos, ao nível dos estilos parentais observados. No que respeita à coparentalidade, também ao nível desta variável pais e mães apresentaram diferença. E foi possível encontrar correlações significativas entre a coparentalidade e os estilos parentais. Procurou-se, ainda, perceber se a religiosidade teria alguma influência nos estilos parentais e coparentalidade e se nos primeiros se encontrou alguma relação, na segunda não se verificou o mesmo.

Estes resultados, uns esperados porque de acordo com outros estudos realizados, outros que à partida não se sabia que se revelariam, todos contribuem para um maior conhecimento na área da parentalidade. Sendo este um domínio tão abrangente e complexo todos os estudos que procurem desvendar as relações entre as muitas variáveis envolvidas possibilitarão novas pistas e caminhos a seguir.

Como principais limitações deste estudo, a ter em conta para estudos posteriores, encontra-se a homogeneidade da amostra recolhida, sendo constituída apenas por casais casados e a viver em união de facto. Seria interessante incluir no estudo casais divorciados e separados e perceber de que forma estas dinâmicas relacionais influenciariam os estilos parentais e a relação coparental. Por outro lado a totalidade dos casais é residente na região de Lisboa e Vale do Tejo, o que não nos dá uma representatividade da população portuguesa. Uma maior variabilidade na amostra permitirá a obtenção de dados mais diversificados e poderão emergir diferenças nos padrões educativos que, de outra forma, se diluem na homogeneidade da amostra. Uma outra limitação está relacionada com o instrumento utilizado para avaliar os estilos parentais – o QDEP, dado que este apresenta um elevado nível de desejabilidade social, o que pode influenciar as respostas dos pais no sentido daquilo que é considerado socialmente aceite.

Como sugestões para futuras investigações, seria interessante incluir dados qualitativos no estudo com entrevistas aos casais que permitissem aprofundar dimensões que os instrumentos quantitativos não possibilitam obter, não deixando de cruzar os dados qualitativos com os quantitativos. Por outro lado, incluir na amostra os filhos dos casais, contemplando nos protocolos instrumentos que permitissem, por exemplo, avaliar a relação de vinculação aos pais e cruzando os dados provenientes dos filhos com os dos seus pais, obter uma matriz mais complexa de informação que proporcionaria, decerto, dados muito interessantes com diferentes ângulos sobre as variáveis. Seria, também, interessante incluir na amostra pais e mães de famílias adotivas e famílias numerosas, famílias com dinâmicas diferentes das que compõem a amostra do nosso estudo e que possibilitariam maior compreensão sobre outras variáveis.

Apesar das limitações referidas, este estudo permite lançar algumas pistas de intervenção e de prevenção na área da parentalidade.

No que respeita à intervenção clínica, com famílias, nas questões da parentalidade, é importante que os terapeutas tenham conhecimento das implicações que as diferentes práticas parentais, associadas aos estilos parentais, podem ter e de que há variáveis socio-demográficas que desempenham um papel mediador destas diferenças. Deste modo poderão ter uma perspectiva mais abrangente e ecológica da parentalidade.

Do ponto de vista preventivo, uma aposta na formação parental seria uma mais-valia, no sentido em que a promoção de práticas parentais mais saudáveis irá ser benéfica não só para os pais, que poderão trocar experiências com outros pais e perceber que há dúvidas e dificuldades transversais a todos os pais, como para os seus filhos que poderão vivenciar uma infância e adolescência com melhores níveis de ajustamento psicológico e social.

Em suma, pretende-se que esta investigação seja mais um contributo no avanço da compreensão das dinâmicas familiares, na área da parentalidade, com pistas para novas investigações e que possa contribuir para uma prática interventiva e/ou preventiva com os pais, mães e os seus filhos.

Bibliografia

Abidin, R. R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 24 (1), 31-40.

Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.

Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.

Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. *Adolescence*, 3 (11), 255-272.

Barber, B. K. (2002). Reintroducing parental psychological control. In Barber, B. K. (Ed.). *Intrusive Parenting: how psychological control affects children and adolescents*. (pp. 3-13). Washington DC, US: American Psychological Association.

Belsky, J., Crnic, K. & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with Toddler Boys: Spousal Differences and daily hassles. *Child Development*, 66, 629-642.

Block, J. H., Block, J. & Morrison, A. (1981). Parental Agreement-Disagreement on Child-rearing Orientations and Gender-related Personality Correlates in Children. *Child Development*, 52, 965-974.

Cecconello, A. M., Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.

Conrade, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for father and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29-35.

Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.

- Deutsch, F. M. (2001). Equally Shared Parenting. *Current Directions in Psychological Science*, 10 (1), 25-28.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. E. & Fraleigh, M. J. (1987). The Relation of Parenting Style to Adolescence School Performance. *Child Development*, 58, 1244-1257.
- Duriez, B. & Soenens, B. (2004). Reconsidering the Relationship Between Parenting and Religiosity. *Psychological Reports*, 94 (2), 545-546.
- Feinberg, M. (2002). Coparenting and the transition to Parenthood: a Framework for Prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173- 195.
- Feinberg, M. (2003). The Internal structure and Ecological Context of Coparenting: a Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.
- Feinberg, M. & Kan, M. (2008). Establishing Family Foundations: Intervention Effects on Coparenting, Parent/Infant well-being, and Parent-Child relations. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 253-263.
- Floyd, F. J., Gilliom, L. A. & Costigan, C. L. (1998). Marriage and the Parenting Alliance: Longitudinal prediction of change in Parenting Perceptions and Behaviors. *Child Development*, 69 (5), 1461-1479.
- Gordon, I. & Feldman, R. (2008). Synchrony in the triad: A microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Family Process*, 47(4), 465-479.
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L. & Ritter P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68 (3), 507-529.
- Grigorenko, E. L. & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3 (1), 93-112.

Hein, C. & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style: a study for high performing science students. *Journal of Adolescence Research*, 9 (2), 262-281.

Konold, T. R. & Abidin, R. R. (2001). Parenting Alliance: a multifactor perspective. *Assesment*, 8(1), 47-65.

Leaper, C. (2002). Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting, Vol. 1: Children and Parenting* (pp.189-225). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Lewis, C. C. (1981). The effects of parental firm control: A reinterpretation of findings. *Psychological Bulletin*, 90 (3), 547-563.

Lindsey, E.W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent-child responsiveness, and children's peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50, 348-354.

Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed.) & Mussen, P. H. (Series Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1 – 101). New York: Wiley.

Mahoney, A., Pargament, K. I., Tarakeshwar, N. & Swank, A. B. (2008). Religion in the home in the 1980s and 1990s: A meta-analytic review and conceptual analysis of links between religion, marriage, and parenting. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(1), 63-101.

Margolin, G., Gordis, E.B. & John, R.S. (2001). Coparenting: a Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21.

McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R, Lauretti, A. & Rasmussen, J. L. (2000). Parental reports of coparenting behavior during the toddler period. *Journal of Family Psychology*, 14 (2), 220-236.

- McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R. & Rao, N. (2004). Growing Points for Coparenting Theory and Research. *Journal of Adult Development*, 11(3), 221-234.
- McKinney, C. & Renk, K. (2008). Differential Parenting Between Mothers and Fathers: Implications for Late Adolescents. *Journal of Family Issues*, 1-22.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Oliveira, J.H.B. (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento – Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimension Questionnaire (PSQD). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques*, Vol.3: *Instruments & Index* (pp.319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Roskam, I. & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families? *European Journal of Psychology of Education*, 24 (1), 33-47.
- Schottenbauer, M. A., Spernak, S. M. & Hellstrom, I. (2007). Relationship between family religious behaviors and child well-being among third-grade children. *Mental Health, Religion and Culture*, 10(2), 191-198.

Simões, M. M. R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional dos Testes das Matrizes Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Simons, L. & Conger, R. (2007). Linking Mother-Father Differences in Parenting to a Typology of Family Parenting Styles and Adolescent Outcomes. *Journal of Family Issues*, 28(2), 212-241.

Snider, J. B., Clements, A. & Vazsonyi, A. T. (2004). Late Adolescent Perceptions of Parent Religiosity and Parenting Process. *Family Process*, 43 (4), 489-502.

Starrels, M. (1994). Gender Differences in Parent-Child Relations. *Journal of Family Issues*, 15(1), 148-165.

Steinberg, L. (2005). Psychological control: style or substance? *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 71-78.

Talbot, J. A. & McHale, J. P. (2004). Individual Parental Adjustment Moderates the Relationship Between Marital and Coparenting quality. *Journal of Adult Development*, 11(3), 191- 205.

Van Egeren, L. A. (2004). The Development of the Coparenting Relationship Over The Transition To Parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 25 (5), 453-477.

Van Egeren, L. A. & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with Coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11 (3),165-178.

Walker, A. J. (1999). Gender and Family Relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (2nd Ed.). *Handbook of marriage and the family* (Cap. 16). New York: Plenum Press.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Teste para verificação das condições da Normalidade

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Mae_Autoritativo_P	,093	99	,033	,951	99	,001
Mae_Autoritario_P	,095	99	,029	,945	99	,000
Mae_Permissivo_P	,137	99	,000	,953	99	,001
Mae_Autoritativo_O	,145	99	,000	,905	99	,000
Mae_Autoritario_O	,118	99	,002	,942	99	,000
Mae_Permissivo_O	,133	99	,000	,940	99	,000
Pai_Autoritativo_P	,111	99	,005	,922	99	,000
Pai_Autoritario_P	,100	99	,015	,945	99	,000
Pai_Permissivo_P	,147	99	,000	,941	99	,000
Pai_Autoritativo_O	,105	99	,009	,893	99	,000
Pai_Autoritario_O	,105	99	,009	,962	99	,006
Pai_Permissivo_O	,160	99	,000	,921	99	,000
Cooperação_M	,132	99	,000	,897	99	,000
Triangulação_M	,320	99	,000	,536	99	,000
Conflito_M	,151	99	,000	,943	99	,000
Cooperação_P	,108	99	,006	,917	99	,000
Triangulação_P	,332	99	,000	,545	99	,000
Conflito_P	,137	99	,000	,943	99	,000
CoparentalidadeTotal_Mae	,129	99	,000	,871	99	,000
CoparentalidadeTotal_Pai	,134	99	,000	,861	99	,000

a. Lilliefors Significance Correction

APÊNDICE B

**Teste de Wilcoxon relativo às diferenças entre Pais e Mães nos Estilos Parentais
Próprios**

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Pai_Autoritativo_P - Mae_Autoritativo_P	Negative Ranks	85 ^a	68,72	5841,00
	Positive Ranks	43 ^b	56,16	2415,00
	Ties	10 ^c		
	Total	138		
Pai_Autoritario_P - Mae_Autoritario_P	Negative Ranks	71 ^d	58,32	4140,50
	Positive Ranks	42 ^e	54,77	2300,50
	Ties	28 ^f		
	Total	141		
Pai_Permissivo_P - Mae_Permissivo_P	Negative Ranks	71 ^g	62,22	4417,50
	Positive Ranks	52 ^h	61,70	3208,50
	Ties	23 ⁱ		
	Total	146		

- a. Pai_Autoritativo_P < Mae_Autoritativo_P
- b. Pai_Autoritativo_P > Mae_Autoritativo_P
- c. Pai_Autoritativo_P = Mae_Autoritativo_P
- d. Pai_Autoritario_P < Mae_Autoritario_P
- e. Pai_Autoritario_P > Mae_Autoritario_P
- f. Pai_Autoritario_P = Mae_Autoritario_P
- g. Pai_Permissivo_P < Mae_Permissivo_P
- h. Pai_Permissivo_P > Mae_Permissivo_P
- i. Pai_Permissivo_P = Mae_Permissivo_P

Test Statistics^b

	Pai_Autoritativo_ P - Mae_Autoritativo_ _P	Pai_Autoritario_ P - Mae_Autoritario_ P	Pai_Permissivo_ P - Mae_Permissivo_ _P
Z	-4,076 ^a	-2,642 ^a	-1,534 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,008	,125

- a. Based on positive ranks.
- b. Wilcoxon Signed Ranks Test

APÊNDICE C

**Teste de Wilcoxon relativo às diferenças entre Pais e Mães nos Estilos Parentais do
Outro**

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Pai_Autoritativo_O - Mae_Autoritativo_O	Negative Ranks	50 ^a	56,81	2840,50
	Positive Ranks	77 ^b	68,67	5287,50
	Ties	10 ^c		
	Total	137		
Pai_Autoritario_O - Mae_Autoritario_O	Negative Ranks	54 ^d	61,16	3302,50
	Positive Ranks	76 ^e	68,59	5212,50
	Ties	20 ^f		
	Total	150		
Pai_Permissivo_O - Mae_Permissivo_O	Negative Ranks	44 ^g	52,70	2319,00
	Positive Ranks	75 ^h	64,28	4821,00
	Ties	29 ⁱ		
	Total	148		

a. Pai_Autoritativo_O < Mae_Autoritativo_O

b. Pai_Autoritativo_O > Mae_Autoritativo_O

c. Pai_Autoritativo_O = Mae_Autoritativo_O

d. Pai_Autoritario_O < Mae_Autoritario_O

e. Pai_Autoritario_O > Mae_Autoritario_O

f. Pai_Autoritario_O = Mae_Autoritario_O

g. Pai_Permissivo_O < Mae_Permissivo_O

h. Pai_Permissivo_O > Mae_Permissivo_O

i. Pai_Permissivo_O = Mae_Permissivo_O

Test Statistics^b

	Pai_Autoritativo_ O - Mae_Autoritativo_ _O	Pai_Autoritario_ O - Mae_Autoritario_ _O	Pai_Permissivo_ O - Mae_Permissivo_ _O
Z	-2,946 ^a	-2,224 ^a	-3,329 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,003	,026	,001

a. Based on negative ranks.

b. Wilcoxon Signed Ranks Test

APÊNDICE D

**Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais do Próprio
entre filhos e filhas**

Ranks

	SexoFi	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Mae_Autoritativo_P	Masculino	76	78,95	6000,00
	Feminino	75	73,01	5476,00
	Total	151		
Mae_Autoritario_P	Masculino	80	77,57	6205,50
	Feminino	74	77,43	5729,50
	Total	154		
Mae_Permissivo_P	Masculino	80	89,02	7121,50
	Feminino	81	73,08	5919,50
	Total	161		
Pai_Autoritativo_P	Masculino	74	76,30	5646,50
	Feminino	75	73,71	5528,50
	Total	149		
Pai_Autoritario_P	Masculino	75	77,23	5792,00
	Feminino	78	76,78	5989,00
	Total	153		
Pai_Permissivo_P	Masculino	76	70,67	5371,00
	Feminino	75	81,40	6105,00
	Total	151		

Test Statistics^a

	Mae_Autoritativo _P	Mae_Autoritativo P	Mae_Permissivo _P	Pai_Autoritativo P	Pai_Autoritativo P	Pai_Permissivo P
Mann-Whitney U	2626,000	2954,500	2598,500	2678,500	2908,000	2445,000
Wilcoxon W	5476,000	5729,500	5919,500	5528,500	5989,000	5371,000
Z	-,835	-,020	-2,182	-,367	-,062	-1,520
Asymp. Sig. (2-tailed)	,404	,984	,029	,714	,950	,129

a. Grouping Variable: SexoFi

APÊNDICE E

**Teste de Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais do Outro entre
filhos e filhas**

Ranks

	SexoFi	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Mae_Autoritativo_O	Masculino	74	80,07	5925,50
	Feminino	81	76,10	6164,50
	Total	155		
Mae_Autoritario_O	Masculino	78	76,46	5963,50
	Feminino	81	83,41	6756,50
	Total	159		
Mae_Permissivo_O	Masculino	80	82,18	6574,00
	Feminino	80	78,83	6306,00
	Total	160		
Pai_Autoritativo_O	Masculino	72	75,07	5405,00
	Feminino	73	70,96	5180,00
	Total	145		
Pai_Autoritario_O	Masculino	77	76,96	5926,00
	Feminino	78	79,03	6164,00
	Total	155		
Pai_Permissivo_O	Masculino	75	80,96	6072,00
	Feminino	77	72,16	5556,00
	Total	152		

Test Statistics^a

	Mae_Autoritativo _O	Mae_Autoritario O	Mae_Permissivo _O	Pai_Autoritativo O	Pai_Autoritario O	Pai_Permissivo O
Mann-Whitney U	2843,500	2882,500	3066,000	2479,000	2923,000	2553,000
Wilcoxon W	6164,500	5963,500	6306,000	5180,000	5926,000	5556,000
Z	-,550	-,956	-,460	-,590	-,287	-,241
Asymp. Sig. (2-tailed)	,582	,339	,646	,555	,774	,215

a. Grouping Variable: SexoFi

APÊNDICE F

**Teste de Wilcoxon relativo às diferenças entre as Percepções de Coparentalidade
de Pais e Mães**

Ranks

		N	Mean Rank	Sum of Ranks
CoparentalidadeTotal_Pai -	Negative Ranks	50 ^a	50,09	2504,50
CoparentalidadeTotal_Mae	Positive Ranks	71 ^b	68,68	4876,50
	Ties	22 ^c		
	Total	143		

a. CoparentalidadeTotal_Pai < CoparentalidadeTotal_Mae

b. CoparentalidadeTotal_Pai > CoparentalidadeTotal_Mae

c. CoparentalidadeTotal_Pai = CoparentalidadeTotal_Mae

Test Statistics^b

	Coparentalidade Total_Pai - Coparentalidade Total_Mae
Z	-3,072 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002

a. Based on negative ranks.

b. Wilcoxon Signed Ranks Test

APÊNDICE G

**Correlações entre os Estilos Parentais Próprios da Mãe e a percepção de
Coparentalidade do Pai**

Correlations

	Mae_Autoritativo_P	Mae_Autoritativo_P	Mae_Autoritativo_P	Mae_Permissivo_P	CoparentalidadeTotal_Pai
Spearman's rho					
Mae_Autoritativo_P	Correlation Coefficient	1,000	,059	,029	,268**
	Sig. (2-tailed)		,482	,729	,002
	N	152	143	149	137
Mae_Autoritativo_P	Correlation Coefficient	1,000	,059	,314**	-,138
	Sig. (2-tailed)		,482	,000	,107
	N	143	156	152	138
Mae_Permissivo_P	Correlation Coefficient	,314**	,029	1,000	-,084
	Sig. (2-tailed)	,000	,729	,000	,319
	N	149	149	163	144
CoparentalidadeTotal_Pai	Correlation Coefficient	-,138	,268**	-,084	1,000
	Sig. (2-tailed)	,107	,002	,319	
	N	138	137	144	151

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

APÊNDICE H

**Correlações entre os Estilos Parentais Próprios do Pai e a percepção de
Coparentalidade da Mãe**

Correlations

	Pai_Autoritativo_P	Pai_Autoritario_P	Pai_Permissivo_P	Coparentalidade Total_Mae
Spearman's rho				
Pai_Autoritativo_P	1,000	,167*	-,020	,425**
Correlation Coefficient				
Sig. (2-tailed)		,041	,807	,000
N	151	150	146	144
Pai_Autoritario_P	,167*	1,000	,389**	,092
Correlation Coefficient				
Sig. (2-tailed)	,041		,000	,269
N	150	155	151	147
Pai_Permissivo_P	-,020	,389**	1,000	-,159
Correlation Coefficient				
Sig. (2-tailed)	,807	,000		,055
N	146	151	153	146
Coparentalidade Total_Mae	,425**	,092	-,159	1,000
Correlation Coefficient				
Sig. (2-tailed)	,000	,269	,055	
N	144	147	146	161

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

APÊNDICE I

**Teste Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais Próprio e Outro
das Mães de acordo com a variável Religião**

Ranks

	Religião	N	Mean Rank	Sum of Ranks
	M			
Mae_Autoritativo_P	Sim	143	76,10	10882,50
	Não	9	82,83	745,50
	Total	152		
Mae_Autoritario_P	Sim	147	78,52	11543,00
	Não	8	68,38	547,00
	Total	155		
Mae_Permissivo_P	Sim	153	81,87	12526,50
	Não	9	75,17	676,50
	Total	162		
Mae_Autoritativo_O	Sim	147	77,49	11391,50
	Não	9	94,94	854,50
	Total	156		
Mae_Autoritario_O	Sim	152	81,19	12341,50
	Não	9	77,72	699,50
	Total	161		
Mae_Permissivo_O	Sim	152	80,08	12171,50
	Não	9	96,61	869,50
	Total	161		

Test Statistics^a

	Mae_Autoritativo _P	Mae_Autoritario_ P	Mae_Permissivo _P	Mae_Autoritativo _O	Mae_Autoritario_ O	Mae_Permissivo _O
Mann-Whitney U	586,500	511,000	631,500	513,500	654,500	543,500
Wilcoxon W	10882,500	547,000	676,500	11391,500	699,500	12171,500
Z	-,446	-,625	-,419	-1,126	-,218	-1,039
Asymp. Sig. (2-tailed)	,656	,532	,675	,260	,828	,299

a. Grouping Variable: ReligiãoM

APÊNDICE J

**Teste Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais Próprio e Outro
dos Pais de acordo com a variável Religião**

Ranks

	Religião P	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Pai_Autoritativo_P	Sim	133	75,33	10019,00
	Não	16	72,25	1156,00
	Total	149		
Pai_Autoritario_P	Sim	135	77,44	10454,50
	Não	17	69,03	1173,50
	Total	152		
Pai_Permissivo_P	Sim	134	73,68	9873,00
	Não	16	90,75	1452,00
	Total	150		
Pai_Autoritativo_O	Sim	129	71,59	9235,50
	Não	16	84,34	1349,50
	Total	145		
Pai_Autoritario_O	Sim	137	77,56	10626,00
	Não	17	77,00	1309,00
	Total	154		
Pai_Permissivo_O	Sim	135	74,91	10113,00
	Não	17	89,12	1515,00
	Total	152		

Test Statistics^a

	Pai_Autoritativo_		Pai_Autoritario_		Pai_Permissivo_		Pai_Autoritativo_		Pai_Autoritario_		Pai_Permissivo_	
	P	O	P	O	P	O	P	O	P	O	P	O
Mann-Whitney U	1020,000		1020,500		828,000		850,500		1156,000		933,000	
Wilcoxon W	1156,000		1173,500		9873,000		9235,500		1309,000		10113,000	
Z	-,270		-,745		-1,498		-1,146		-,049		-1,262	
Asymp. Sig. (2-tailed)	,787		,456		,134		,252		,961		,207	

a. Grouping Variable: ReligiãoP

APÊNDICE K

Teste Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais Próprio e Outro das Mães de acordo com a variável “Ser Praticante”

Ranks

	PraticanteM	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Mae_Autoritativo_P	Sim	72	75,92	5466,00
	Não	77	74,14	5709,00
	Total	149		
Mae_Autoritario_P	Sim	75	81,01	6075,50
	Não	78	73,15	5705,50
	Total	153		
Mae_Permissivo_P	Sim	79	76,06	6008,50
	Não	81	84,83	6871,50
	Total	160		
Mae_Autoritativo_O	Sim	73	76,60	5591,50
	Não	81	78,31	6343,50
	Total	154		
Mae_Autoritario_O	Sim	75	82,98	6223,50
	Não	83	76,36	6337,50
	Total	158		
Mae_Permissivo_O	Sim	79	74,09	5853,50
	Não	80	85,83	6866,50
	Total	159		

Test Statistics^a

	Mae_Autoritativo _P	Mae_Autoritatio _P	Mae_Permissivo _P	Mae_Autoritativo _O	Mae_Permissivo _O	Mae_Autoritatio _O	Mae_Permissivo _O
Mann-Whitney U	2706,000	2624,500	2848,500	2890,500	2693,500	2851,500	2693,500
Wilcoxon W	5709,000	5705,500	6008,500	5591,500	5853,500	6337,500	5853,500
Z	-,251	-1,101	-1,205	-,239	-1,615	-,912	-1,615
Asymp. Sig. (2-tailed)	,802	,271	,228	,811	,362	,106	,106

a. Grouping Variable: PraticanteM

APÊNDICE L

Teste Mann-Whitney relativo às diferenças nos Estilos Parentais Próprio e Outro dos Pais de acordo com a variável “Ser Praticante”

Ranks

	PraticanteP	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Pai_Autoritativo_P	Sim	52	72,93	3792,50
	Não	91	71,47	6503,50
	Total	143		
Pai_Autoritario_P	Sim	53	81,42	4315,00
	Não	93	68,99	6416,00
	Total	146		
Pai_Permissivo_P	Sim	50	62,01	3100,50
	Não	94	78,08	7339,50
	Total	144		
Pai_Autoritativo_O	Sim	50	71,82	3591,00
	Não	90	69,77	6279,00
	Total	140		
Pai_Autoritario_O	Sim	54	78,65	4247,00
	Não	94	72,12	6779,00
	Total	148		
Pai_Permissivo_O	Sim	53	67,71	3588,50
	Não	94	77,55	7289,50
	Total	147		

Test Statistics^a

	Pai_Autoritativo_ P	Pai_Autoritario_ P	Pai_Permissivo_ P	Pai_Autoritativo_ O	Pai_Autoritario_ O	Pai_Permissivo_ O
Mann-Whitney U	2317,500	2045,000	1825,500	2184,000	2314,000	2157,500
Wilcoxon W	6503,500	6416,000	3100,500	6279,000	6779,000	3588,500
Z	-,204	-1,713	-2,218	-,287	-,895	-1,354
Asymp. Sig. (2-tailed)	,839	,087	,027	,774	,371	,176

a. Grouping Variable: PraticanteP

APÊNDICE M

Teste Mann-Whitney relativo às diferenças na Coparentalidade da Mãe e na Coparentalidade do Pai de acordo com as variáveis Religião e “Ser Praticante”

Ranks

	Religião	N	Mean Rank	Sum of Ranks
	M			
CoparentalidadeTotal_Mae	Sim	152	81,48	12385,50
	Não	9	72,83	655,50
	Total	161		

Test Statistics^a

	Coparentalidade Total_Mae
Mann-Whitney U	610,500
Wilcoxon W	655,500
Z	-,542
Asymp. Sig. (2-tailed)	,588

a. Grouping Variable: ReligiãoM

Ranks

	PraticanteM	N	Mean Rank	Sum of Ranks
CoparentalidadeTotal_Mae	Sim	76	80,61	6126,50
	Não	82	78,47	6434,50
	Total	158		

Test Statistics^a

	Coparentalidade Total_Mae
Mann-Whitney U	3031,500
Wilcoxon W	6434,500
Z	-,294
Asymp. Sig. (2-tailed)	,768

a. Grouping Variable: PraticanteM

Ranks

	Religião P	N	Mean Rank	Sum of Ranks
CoparentalidadeTotal_Pai	Sim	132	75,46	9960,50
	Não	16	66,59	1065,50
	Total	148		

Test Statistics^a

	Coparentalidade Total_Pai
Mann-Whitney U	929,500
Wilcoxon W	1065,500
Z	-,783
Asymp. Sig. (2-tailed)	,434

a. Grouping Variable: ReligiãoP

Ranks

	PraticanteP	N	Mean Rank	Sum of Ranks
CoparentalidadeTotal_Pai	Sim	50	73,95	3697,50
	Não	92	70,17	6455,50
	Total	142		

Test Statistics^a

	Coparentalidade Total_Pai
Mann-Whitney U	2177,500
Wilcoxon W	6455,500
Z	-,524
Asymp. Sig. (2-tailed)	,600

a. Grouping Variable: PraticanteP

ANEXOS

ANEXO 1

Questionário Socio-demográfico

Dados Demográficos

1. Idade: ____ 2. Área de Residência: _____ 3. Nível de escolaridade: _____

4. Profissão: _____

5. Estado civil/ Situação Relacional

a) Estatuto ocupacional:

- Trabalho a tempo inteiro
- Trabalho a tempo parcial

b) Situação laboral actual

- Desemprego
- Reforma
- Trabalhador independente
- Trabalhador por conta de outrem

- Solteira
- Casada
- União de facto
- Recasada
- Divorciada
- Separada
- Viúva

6. Tempo de casamento/união de facto: _____

7. Estado civil anterior ao actual:

Solteira Casada União de Facto Divorciada Viúva

8. Quantos filhos tem, de que idade e de que sexo? _____

9. Idade, sexo e ano de escolaridade do filho(a) sobre o qual respondeu ao questionário:

Idade _____ Sexo _____ Ano de escolaridade _____

10. Apoio Familiar:

- Empregada doméstica Horas/semana _____ Sim Não
- Baby-sitter Sim Não
- Família alargada Sim Não
- Amigos Sim Não
- Outros _____

11. Religião

Sim Não Qual? _____ É praticante? Sim Não

Se estiver disponível para participar na segunda fase deste estudo (que compreende a realização de uma entrevista), por favor, deixe o seu contacto _____.

Por favor verifique se preencheu todo o questionário.

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 2

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

QDEP (versão mãe)
 (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001)
 (Versão Portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro & M. Teresa Ribeiro, 2007)

As seguintes afirmações medem com que frequência e de que modo você actua com o(a) seu/sua filho(a). Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
-------	---------------	------------------	--------------	--------

1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, digo-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Conforto e sou compreensiva quando o meu filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efectivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro.	1	2	3	4	5
21. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5
25. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Uso ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27. Tenho momentos de grande afectividade e carinho com o meu filho.	1	2	3	4	5
28. Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
29. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30. Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

Agora pense com que frequência o pai do(a) vosso(a) filho(a) actua desta forma com ele (ela).

Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Ele é sensível às necessidades e sentimentos do nosso filho.	1	2	3	4	5
2. Ele castiga fisicamente o nosso filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Ele tem em conta os desejos do nosso filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o nosso filho pergunta por que tem de obedecer, ele diz-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou teu pai e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Ele explica ao nosso filho como se sente quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Ele bate ao nosso filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Ele encoraja o nosso filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Ele acha difícil disciplinar o nosso filho.	1	2	3	4	5
9. Ele encoraja o nosso filho a expressar-se livremente mesmo quando este não concorda com ele.	1	2	3	4	5
10. Ele castiga o nosso filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Ele realça os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Ele conforta e é compreensivo quando o nosso filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o nosso filho se comporta mal ele fala alto ou grita.	1	2	3	4	5
14. Ele elogia o nosso filho quando este se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Ele cede quando o nosso filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Ele tem explosões de raiva com o nosso filho.	1	2	3	4	5
17. Ele ameaça o nosso filho com castigos mais vezes do que o castiga efectivamente.	1	2	3	4	5
18. Ele tem em conta as preferências do nosso filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Ele agarra o nosso filho com força quando este desobedece.	1	2	3	4	5
20. Ele diz ao nosso filho que o castiga e depois não cumpre.	1	2	3	4	5
21. Ele mostra respeito pelas opiniões do nosso filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Ele permite que o nosso filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5

	Nunca	Algumas vezes	Metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
23. Ele repreende e critica o nosso filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Ele estraga o nosso filho com mimos.	1	2	3	4	5
25. Ele explica ao nosso filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Ele usa ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicações.	1	2	3	4	5
27. Ele tem momentos de grande afectividade e carinho com o nosso filho.	1	2	3	4	5
28. Ele castiga o nosso filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29. Ele ajuda o nosso filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30. Ele repreende ou critica o nosso filho quando este não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Ele explica as consequências do comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
32. Ele dá uma bofetada ao nosso filho quando este se comporta mal.	1	2	3	4	5

ANEXO 3

Questionário da Coparentalidade (QC)

QC

(Gayla M., Elana B. G. & Richard S. J., 2001)
(Versão Portuguesa: Marta Pedro & M. Teresa Ribeiro, 2008)

Pense agora com que frequência o pai do vosso(a) filho(a) actua deste modo consigo. Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

O pai ...

Nunca	Raramente	Às vezes	Normalmente	Sempre
-------	-----------	----------	-------------	--------

1.	... conta-me muitas coisas acerca do nosso filho.	1	2	3	4	5
2.	... põe-me a par de tudo o que acontece durante o dia-a-dia do nosso filho.	1	2	3	4	5
3.	... fala muito bem de mim ao nosso filho.	1	2	3	4	5
4.	... pergunta a minha opinião sobre assuntos relacionados com o ser pai/ser mãe.	1	2	3	4	5
5.	... participa na resolução dos problemas disciplinares relacionados com o nosso filho.	1	2	3	4	5
6.	... diz coisas cruéis acerca de mim, ou que me magoam, em frente do nosso filho.	1	2	3	4	5
7.	... usa o nosso filho contra mim.	1	2	3	4	5
8.	... quando discutimos, tenta manipular o nosso filho para que este tome o partido de um de nós.	1	2	3	4	5
9.	... envia-me mensagens pelo nosso filho em vez de falar directamente comigo.	1	2	3	4	5
10.	... e eu temos regras diferentes no que diz respeito à alimentação, rotinas diárias, hora de deitar ou trabalhos de casa do nosso filho.	1	2	3	4	5
11.	... e eu temos níveis diferentes de exigência relativamente ao comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
12.	... discute comigo por causa do nosso filho.	1	2	3	4	5
13.	... concorda com as minhas decisões relativas à disciplina do nosso filho.	1	2	3	4	5
14.	... enfraquece, pouco a pouco, a minha posição de mãe.	1	2	3	4	5